POESIAS INEDITAS

DO

VISCONDE DE FONTE ARCADA

COLLIGIDAS

E MANDADAS IMPRIMIR EM HOMENAGEM Á SUA MEMORIA

POR SUA VIUVA

A

Viscondessa de Fonte Arcada

E REIMPRESSÃO

DAS

VOZES LEAES AO POVO PORTUGUEZ

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1886

POESIAS INEDITAS

DO

VISCONDE DE FONTE ARCADA

COLLIGIDAS

E MANDADAS IMPRIMIR EM HOMENAGEM Á SUA MEMORIA

POR SUA VIUVA

A

Viscondessa de Fonte Arcada

E REIMPRESSÃO

DAS

VOZES LEAES AO POVO PORTUGUEZ

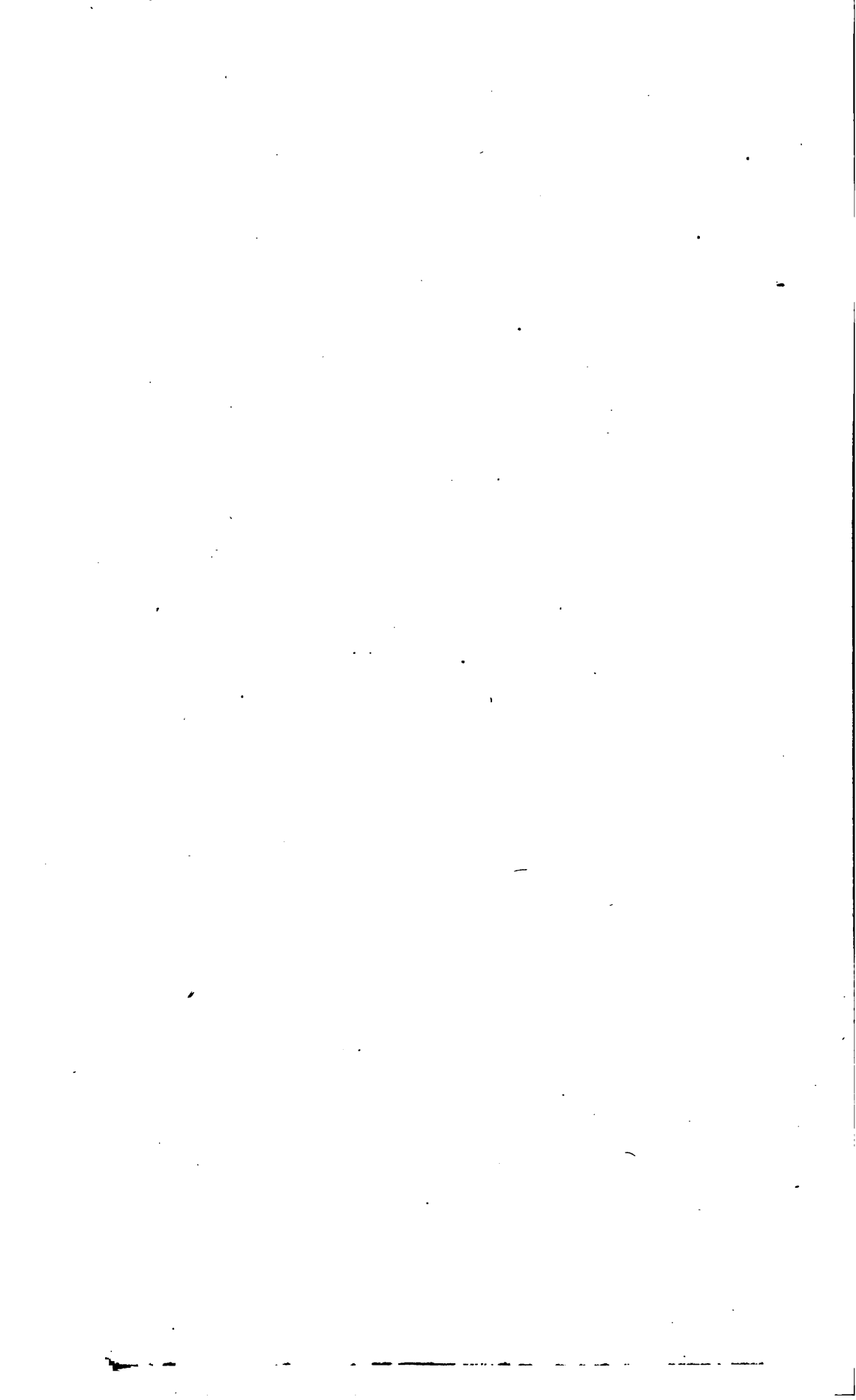
LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1886

POESIAS INEDITAS

Tendo encontrado entre os papeis do Visconde de Fonte Arcada varias poesias ainda ineditas, pareceu-me que, publicando-as, prestaria com isso homenagem á honrada memoria de meu illustre marido. Veio, felizmente, confirmar a opinião em que estava o que diz o erudito auctor do *Diccionario Bibliographico,* no primeiro tomo do *Supplemento,* a paginas 173, tratando do Visconde:

«Como fructos de amor ás lettras, desenfado dos seus ocios politicos, conserva ineditas muitas poesias lyricas originaes, e traducções de outras de Silvio Pellico, de Gray e de Campbell. Entre estes trabalhos cujos autographos tive em meu poder, por mercê de s. ex.ª, alguns li que me pareceram dignos da impressão; e tenho para mim, se posso aventurar n'esta parte opinião, que a vulgarisação d'elles pela imprensa seria um bom presente feito á nossa litteratura.»

O PRESO

(Imitação de uns versos inglezes)

Longe da patria, dos amigos longe,
rojando duros ferros,
em carcere profundo soterrado;
o miserrimo preso
os olhos lacrimosos, commovidos,
á patria amada lança.

Grata recordação o triste illude:
emquanto doce pranto
as macilentas faces rociando
suas penas abranda,
o malfadado, breve allivio tendo;
a sua sorte olvida.

Talvez a arrebatada phantasia,
em quadro lisonjeiro,
pela fatal sentida ausencia dura
ainda mais animada,
antigas scenas da paterna casa
saudosas lh'apresenta;

Talvez á terna amante, sobre as azas
dos sentidos amores,
mil ardentes suspiros namorados,
quaes afanoso peito
exhala, quando tu, amor, o opprimes
ledo e triste lhe envie.

Mas a doce illusão desvanecida,
sinistros pensamentos
o afflicto peito novamente assaltam,
rojando os duros ferros
que o enfraquecido corpo ora lhe cingem,
o volvem á verdade.

Então exangue chora, soluçando,
sobre o chão frio e duro
insoffrido revolve os lassos membros:
nem tu, meiga esp'rança
consoladora, o denso véu lhe rasgas
que seu futuro encobre!

Agosto, 1847.

A ESPERANÇA

Doce esperança! illusão
que a minha vida afagava,
quando ditoso pensava,
repassado o coração
por indomita paixão,
que seria realisada;
mas agora mallograda!
bem que pene e gema afflicto,
a alma entregue a atroz conflicto
será por ti desprezada!

Por ti a quem tanto adoro!
por ti por quem só suspiro!
debalde, infeliz, deliro,
em vão soluçando choro,
e teu puro amor imploro.

O teu peito prevenido
me despreza endurecido,
com infausta dor luctando:
qual despojo miserando
de fatal amor temido.

Perdida a grata esperança,
pela esquiva, dura sorte,
só fera, rapida morte
o seguro asylo alcança.
Cruo destino, sem mudança
em a carreira espaçosa,
da existencia procellosa
qual estrella radiante,
mais que todas fulgurante,
mostrou-me Nise formosa.

Quando por ella guiado,
bem como baixel veleiro,
que singrando vae ligeiro
para o porto desejado;
eis que ao rijo vento irado
sossobra no mar profundo;
tal vario fado iracundo,
qu'em densas trevas s'esconde,
á doce esperança responde
como o vento furibundo.

7 agosto 1848.

ARMIA

«Turbida melancholia
a minha alma attribulada
por medonhos pensamentos,
á dor entrega alienada.»

Assim Coridon cantava:
Coridon, que outr'ora isento,
do brando amor não sentia
doce afago, cru tormento.

Ardente paixão funesta
o coração lhe devora;
a existencia aborrecendo,
o triste só geme e chora.

Armia candida e pura,
entre todas mais formosa,
qual entre viçosas flores,
pudibunda, linda rosa;

seu espirito elevado,
os seus dotes singulares,
do infeliz, languido amante
são causa de seus pezares.

O mesquinho fugir tenta
á paixão, que docemente
o coração lh'assaltava,
resistindo a amor potente.

Mas ah! quem resistir póde,
pungente força d'amor,
quando o talento e virtude
junta um rosto encantador?!

Mas Armia, ingrata e crua,
do seu Coridon despreza
amor sincero e constante,
a pura fé sempre illeza!

Mas debalde, sim, que o misero
só por teu amor anhela,
só por ti suspira e morre,
Oh! Armia ingrata e bella!

Tu és esse anjo, que a ardente
phantasia lhe pintava;
qu'em divino objecto occulto,
desconhecido adorava.

Com infausto amor luctando,
só morte deseja, espera;
entre as garras d'agonia
que seu peito dilacera.

Quando infausto amor luctando,
houver seus dias contado,
ternamente, mas só tarde,
sim, por ti será chorado.

Praza ao céu que tu ditosa,
qual mereces adorada,
nem te lembres, nem tu digas:
Por *elle* fui mais amada!

28 outubro 1848.

A ARMIA

Não canto a belleza tua,
qual açucena mimosa,
pelas auras bafejada,
entre as flores mais formosa,
que a fragancia sua esparge
no lindo prado, cheirosa.

Mil vates em brandos versos,
promptos a Nises louvar,
off'reçam banal incenso
á belleza singular;
a todas sempre louvando,
sem á verdade faltar.

Que o façam, oh! não lh'o invejo,
o sentimento fingido
que no seu canto transluz,
meu coração commovido
não adula, só exprime
quanto sente mal soffrido.

Do genio chamma celeste,
tua alma singela e pura,
o meu estro ardente inflamma;
que belleza só não dura,
nem merece fé constante
puro amor, firme ternura.

17 novembro 1848.

A * * *

Como a abelha diligente
o licor suave colhe;
por entre as flores escolhe
diversos em qualidade,
e cada qual mais precioso
muda em nectar deleitoso:
as doutrinas estudando
d'esses livros variados,
teu espirito illustrando,
não temas duras rajadas
da sombria tempestade,
que, rara, da vida molhe
as flores, e t'as desfolhe;
não: que as almas illustradas
nada temem denodadas.

25 janeiro 1849.

LAMENTO

Foge o tempo, corre a vida,
mas em vão foge, em vão corre:
na minh'alma entristecida,
nem no meu coração morre,
que, firme, não tem mudança,
a paixão que te consagra:
em vão o tempo decorre,
não desfaz amor que sagra
culto á virtude, á belleza,
ao talento e candideza.

As mimosas, lindas flores,
ledos campos, prados, montes,
as frescas, limpidas fontes,
da natureza primores,
que da vida os dissabores,

leves penas dissipavam,
meu coração deleitavam:
ora, quer verdeje o prado,
o banhe a fonte esmaltado,
mais a minha dor aggravam.

Qual o ferro penetrante,
trespassando o forte peito
ás duras lides affeito,
que gemendo, vacillante,
cae na terra palpitante;
tal a pungente saudade
n'esta dura soledade
em que triste a vida passo,
para a morte passo a passo
me leva sem piedade.

Teu gesto, tua figura,
inda que de ti ausente,
eu sempre tenho presente;
debalde a rasão procura
esquecer-te; que adorada,
no coração 'stás gravada.

delirante a phantasia
de sequioso doente,
que devora febre ardente,
lh'apresenta a fonte fria;
como ella és tu que eu vejo,
e muito mais te desejo.

Quam diversa a minha sorte!
á saude o enfermo volta,
ou livre a alma se lhe solta
com feliz, ditosa morte;
ficando assim socegado:
eu existo desgraçado!

8 setembro 1849.

A ULTIMA ESPERANÇA

(Imitação do Canto II de Campbell)

A celestial mystica esperança
ao mortal afiança
intrepido valor, peito seguro,
para do mundo impuro
vencer tormentoso ésto apressado,
só por elle animado:
qual audaz, destemido navegante,
que sondando constante
vae o mar procelloso, té que afferra
placido porto e terra.

Do fatidico bardo tão profundo,
do seu estro fecundo,
que arrebatado o espirito consola,
e a virtude acrysola;
qual resôa no meu tosco alaude,

t'offereço o verso rude:
em testemunho acceita o dom sincero,
que altos dotes venero,
quaes com prodiga mão a natureza
te junta á gentileza.

Lá quando a vital chamma derradeira,
apagando-se vae amortecida;
quando a alma para o creador revôa,
e o pó se junta ao pó d'onde viera;
no terrivel momento o céu benigno
sempre verde esperança nos confia;
então o teu reinado se approxima
oh! eterno Senhor omnipotente!
Quando pallida face côr da morte
os olhos moribundos annunciam;
soltos, sem cohesão os tenues atomos,
pela immutavel lei da natureza,
vão formar novos entes, novos corpos;
angelica esperança então lh'aponta
com a ditosa mão, a tarda aurora
de Sempiterna Luz, que vem raiando;
o ultimo dia acaba triumphante:
o espirito, qual nova phenix, surge!
«Vem, dia desejado, vem, não tardes;
«sem receio, sem dor, por ti suspira
«o vate que, infeliz, não vive, pena.»
Estupendo preludio do repouso!!
Assim como o crepusculo luzente
vae dissipando as trevas somnolento;
assim vae despontando o que tornava

d'amargurada vida a noite opaca:
fenece a dor, nossa ventura alveja.
Mas o anhelante espirito atterrado
entre arrancos mortaes exclama incerto:
—quão terrivel, ó morte, te apresentas!
Desconhecidos mundos mysteriosos,
do sol onde não chega o raio ardente;
onde os bramidos das incertas vagas
do vario tempo nunca resoaram;
eis que das vossas insondaveis sombras
bemditosas espheras jamais viste,
escuta os echos do clarim celeste,
nunca d'outros ouvidos escutados:
similhante ao trovão que nos rochedos
do Sinai d'entre as nuvens retumbára,
a natureza temerosa escuta
o som terrivel, que conduz ao chaos;
e qual Pedro, perdida a fé robusta
que seguro o sustem, quando caminha
sobre as tumidas ondas procellosas,
ao Senhor exclamando auxilio implora,
sobre o caliginoso abysmo pende,
e terrores lethiferos lh'occultam
celeste arcano da ventura eterna.
Da fé emanação divina acorda:
qual do terror arauto pavoroso,
á luz do dia espavorido foge,
tu as trevas desfazes, illuminas,
que escondem o segredo do sepulchro
na hora derradeira, em que se enleva
a alma; qual avesinha que desprende

ligeira as leves azas implumadas,
novos, distantes climas demandando;
da natureza a lucta finalisa,
e da vida o transporte final vence,
triumphando das penas tormentosas,
qual a aguia remontada aos ares vôa
impavida, desfeito o ferreo laço
que o vôo audaz á terra lhe prendia,
encara a fulgurante luz divina.
Alma do justo, onde te diriges?
Ao imperio bafejado d'alegres sólos
pela celeste aragem, que resôa
divinas melodias, quaes as vozes
em Bethlem, lá no valle solitario,
os ditosos pastores assombrados
do Jordão celebrado despertaram,
que socegou a turbida corrente,
emquanto os destinos sobre a terra
envolta em negro manto semeado
d'estrellas scintillantes, vigiava
a feliz madrugada, que livrára
o mortal, desde a origem corrompido,
da cadeia tenaz do crime infausto.
Eis que sôa do centro do universo
o medonho estridor, que o firmamento
abala sobre os vacillantes polos;
e na veloz, aurifera carroça,
de planeta em planeta, ignotos mundos,
onde não chegas, pensamento ousado,
em turbilhões dirige o vago curso;
e quando a final meta, assignalada

do Creador, alcança; em igneo gyro
se volve em roda, e lá no sul immerge
o candido cometa refulgente[1]:
assim a alma na terra desterrada
qual ephemera luz, fadada fulge;
como elle, breve tempo brilha, foge
por nunca de mortaes trilhadas vias,
e volta ao Creador origem sua.

A * * *

Feliz quem junto a ti por ti suspira!
quem mysterioso arcano
d'alma, em doce expressão te patenteia!
Quem igual ventura
esperára, se, ousado, nos clementes
olhos, lêra benigna
resposta, e confirmára deleitoso
abafado suspiro!

Setembro de 1848.

A * * *

(Ode)

Emquanto breves soes douram teus dias
a natureza estuda;
e na téla expressiva inveja faças
á Deusa imitadora.
Com destra mão em colorido quadro
delineando attenta,
ora os amenos campos, prados, montes,
o rio, que descendo
por entre os lisos seixos pedregosos,
a veiga cultivada
co'a lympha fertilisa, fresca e pura;
quando abafados ares
ardentes raios sobre a desprezada
Terra, Syrio dardeja;
cultiva qual mimosa, rara planta
o elevado espirito,

em que transluz do genio immortal chamma,
a poucos concedida;
longe de ti o cego, fatal erro,
lastimosa ignorancia,
que deturpa a belleza, dom celeste
do mortal primitivo,
obra prima do Eterno, que inda inculca
ruinas derrocadas,
monumento espantoso, eterna molle (*)
d'eras desconhecidas,
nos Syriacos plainos arenosos,
vestigios do que fôra,
quando á primeira luz abrindo os olhos
o universo encarou.

Setembro de 1848.

(*) Ruinas de Balbeck.

A * * *

Ver-te, amar-te, que ventura!
mas eu triste e desgraçado,
pela dor attribulado,
victima da sorte dura;
debalde gemo, suspiro
e, longe de ti, deliro.

Longe de ti, que assim queres,
entregue á melancholia,
aborreço a luz do dia,
insensivel aos prazeres;
tudo emfim por ti desprezo:
constante só a ti preso.

A ti, qual fulgida estrella,
que o perdido caminhante
no deserto guia errante:
a ti ainda mais bella,
pelo deserto da vida
minh'alma segue insoffrida.

Faceis prazeres, delicias,
a que entregue o coração,
já simulando paixão;
ora roubas as primicias
devidas ao puro amor:
n'alma só deixas a dor.

PATRIA

Patria, como a teu nome venerando
o coração exulta,
só por tua ventura suspirando!
aquella que resulta
de sabias leis, por todos respeitadas,
firmando a liberdade
no geral interesse, não manchadas
com parcialidade!
Longe de ti, oh Patria, insano e tredo
furor, que o nome usurpa
d'alta virtude, quando o vil enredo
frenetico deturpa,
com sanguinolenta mão raivosa,
social harmonia;
da torpe ambição, prêsa desastrosa
á desgraça te guia!!

ODE

Á divisão libertadora desastrosamente derrotada em Torres Vedras, a 22 de dezembro de 1846

Musas divinas do celeste côro,
vós que Pindaro e Ossian
inclitos, co'a Phebêa luz fulgente
prodigios inspirastes,
em altisono canto sonoroso,
para as altas virtudes
louvar esclarecidas eminentes,
dos varões afamados,
que a grega terra e boreal illustram;
que a fama pregoeira
entre diversos povos, em diversos
climas, tem diffundido:
de fulgurante raio luminoso
do vate a mente illustre;
para que ousado possa em Delios versos,

que durem sublimados,
emquanto do grão mundo a molle ingente,
sobre os gelidos polos,
s'equilibrar no illimitado espaço;
por vós, musas, guiado,
d'aquelles harmoniosos aligeros
cysnes, por entre os astros,
o alto vôo impavido siga ousado,
os louvores cantando,
as acções estremadas, valorosas
das populares hostes
que em Torres admirado o mundo víra,
da Grecia e Roma dignos!
Do nobre batalhão audaz soldado
da preclara Vizeu,
que inimiga bandeira arrebataste
co'as quinas sacrosantas,
quando outra igual, impavido seguias;
oh! fatal resultado
das civis discussões que o ferro vibram
em crua, hostil peleja,
pelo braço do irmão contra o fraterno
peito, que só devia
abrigar brando, doce sentimento
de leal amisade!
D'indiviso poder, ambição louca
opprime sem receio
o luso povo, que arbitrario mando
não consente insoffrido;
mas debalde: que tem jurado, livre
morrer na lucta honrosa.

O teu nome, ó soldado, o vate ignora(2):
basta que o claro feito
do valente de Lysia filho, o canto
meu celébre, eternise.
S'adversos, negros fados não quizeram,
que triumphal corôa
as bellicosas frontes vos ornasse;
nem por isso oh ousados
heroes! os vossos feitos singulares
esqueceram á patria;
e no templo da fama auriluzente,
em refulgentes lousas,
dormem Jayme, Botelho, Celestino.
Vossos distinctos nomes
esculpidos serão a par d'aquelles
heroes famigerados,
que a patria dos tyrannos libertaram.
O teu, Mousinho illustre,
sabio varão, pelas patrias musas
chorosas tão carpido,
que virentes corôas de cypreste,
delio, frondente louro,
para coroar teu venerando busto
soluçando entrelaçam!

Fevereiro de 1847.

—

IMPRESSÕES DE UM PASSEIO

AO CEMITERIO DOS PRAZERES

Come d'autumno se levane le foglie
l'una appresso dell'altra enfin che eramo
ronda alla terra totte le me spoglie
DANTE.

As leves folhas despega
dos brandos ramos pendentes,
a procellosa refrega
dos aquilões inclementes;
á porfia vão juncando
co'os despojos decadentes
do verde bosque, ondulando
com louçãs galas florentes,
a arenosa terra ingrata:
mil gerações d'esta sorte,
qual debil folha arrebata
arido sopro da morte;

No tumulo sumptuoso
jaz o opulento esquecido,
nem já lhe vale, vaidoso,
o seu distincto appellido,
nem a invejada riqueza
no mausoléu carcomido:
nos andrajos da pobreza
não longe está envolvido
triste, pobre desgraçado;
e a belleza peregrina,
ali junta ao mesmo fado,
qual desmaiada bonina.

Tu, do amor, ou d'amisade
do coração puro affecto,
que a alma entrega á saudade;
se, perdido o caro objecto,
ficas na terra isolado
pranteando o teu dilecto,
pela dor attribulado,
té foge d'humano aspecto;
mas do tempo a dura mão
desfaz logo a dor pungente;
tudo gasta a sua acção,
tudo curva á força ingente.

Volvem dias, volvem annos,
nova geração assoma
entregue aos mesmos enganos;
do mal identica somma

a opprime sem cessar,
em vão combate, não doma
sua sorte, o seu desar
o caminho antigo toma.

Sobre a denegrida pedra,
vossos nomes ignorados,
da hera que tenaz medra
junto aos tristes, salitrados
tumulos, já encobertos
com seus ramos enlaçados,
que gemem ao vento incertos,
por ninguem são já lembrados.
Só a virtude constante
do forte varão preclaro,
celeste chamma brilhante
do sublime genio raro,
que o mundo illustrou prestante;
de luz rasto portentoso,
meteoro rutilante
deixa após si luminoso.

10 abril 1849.

A SAUDADE

Saudade! não gosto amargo
d'infelizes, mas pungente
dor que o coração resente,
quando fervida paixão
escalda o peito anciado,
que anhela e geme apartado
do seu amor, que lhe esconde
a mesquinha e dura sorte.
Dolorosa saudade!
minha triste soledade
te consagro desditoso:
é, meu nome —lacrimoso.

26 abril 1849.

PARA UM ALBUM

(Em que o insigne poeta Garrett havia escripto alguns versos)

D'attribulada existencia
quando o fio for corrido,
pela desgraça tecido,
lembre-te o vate e suspira;
não chores, porque, ditoso,
livre do mundo enganoso,
socegado já descança;
sua memoria prezada
de ti só quer: e s'alcança
ficar-te n'alma gravada,
não, a nada mais aspira:
então o terno gemido
do teu coração sentido,
te recorde com saudade
a sua viva amisade.

Quando meus dias funestos
acabarem, tão infestos,
nem só alegres canções
n'este livro afortunado,
divinas inspirações
d'alto engenho sublimado,
te consagre o vate illustre;
possa o vate malfadado
seus versos, sem que os deslustre
o canto seu lastimado,
na branca folha tão pura,
qual lh'inspira a phantasia,
sua triste desventura
e negra melancholia,
escrever co'a mão tremente,
testemunho do que sente
a sua alma entristecida,
acerbo, duro tormento
que lhe vae gastando a vida.

1 maio 1849.

O SUSPIRO

(Imitação de Silvio Pellico)

O amor é um suspiro
do coração gemente,
que solitario sente
e anciado delira,
implorando piedade;
durissima saudade.

A mágua é suspiro
do coração afflicto,
e no duro conflicto
já da vida no giro,
doce encanto não tem;
que só dores contém.

Esperança é suspiro
do coração sentido,
que padece insoffrido
d'avesso fado o tiro,
e que se lhe afigura
a sonhada ventura.

O terror é suspiro
do coração prostrado,
quando geme assustado
em medonho retiro,
e receia perder
o bem que póde haver.

Esperança e terror,
suspiros variados
d'alma são, maguados;
e é suspiro a dor
do terno coração
que sente a paixão.

doc' alegria, tormento,
a dura vida, a morte,
segundo quer a sorte,
suspiros d'um momento
são, leves, qual a brisa
que no mar se deslisa.

Mas ah! Senhor divino!
em suspiro tão breve,
em que exhalar s'atreve

o coração mofino,
me fazes desejar
graça de t'alcançar.

D'etherea luz dourada
que scintilla divina,
um raio m'illumina:
e a alma desconsolada
já deixa o pó mortal,
e a ti sobe immortal!

26 maio 1849.

A ALMA

(Imitação de Silvio Pellico)

Debalde opprimido geme
o terreo pó animado.
Alma livre que não teme,
que tu, Senhor, me tens dado,
ninguem a póde domar!
Ora vence o vario fado,
ora abraça terra e mar,
o firmamento estrellado;
agora em um só instante
tudo concebe, resolve,
sagaz, subtil, penetrante,
escuro problema solve.

Eu não sou o corpo enfermo
que algemam duros grilhões;
eu sou alma, que sem termo,
ás divinas perfeições,
espirito a Deus unido,
Lhe consagro adorações.
Eu sou qual aguia insoffrida
que ás divinas regiões,
do pincaro d'alta serra
lança a vista perspicaz,
bate as azas, deixa a terra
lá chega quando lh'apraz.

A estes ou áquelles lares,
invisivel, mas presente,
leves auras singulares,
que aspira o amigo, o parente,
ao lado seu adejando
lá respira igualmente.
Vejo seu aspecto brando,
os seus dictos ouço ausente,
com elles rio ou lamento;
d'outros peitos a alegria
ou o seu doce tormento,
no meu acham sympathia.

Bem que separado esteja,
sabem que opprimido peito
por elles anceia e adeja;
e que palpita, a despeito

da distancia, o coração
fiel, a amal-os affeito:
apesar d'estar ausente
e na dor attribulado,
o aspecto independente
voa desembaraçado,
pelo espaço livremente.

A ti, Senhor, mil louvores!
esta alma immortal me destes
cheia de teus resplendores,
que te comprehendeu prestes;
apesar do fragil manto
com que tu, Senhor, a vestes:
teu poder chegou a tanto!
em vão tu, morte, m'investes!
em vão a vida me tolhe!
Alto valor m'inspiraste,
e já para ti se acolhe
esta alma que tu creaste.

—

SONETO

Á morte do ill.mo e ex.mo sr. Luiz da Silva Mousinho d'Albuquerque, ferido mortalmente no combate de Torres Vedras, a 22 de dezembro de 1846

Nos asperos rochedos cavernosos
as bombardas retumbam, tudo atroam;
do mortifero bronze os tiros soam
por entre os densos freixos tão frondosos.

Da guerra os duros genios pavorosos,
Sisandro, lá nas tuas margens voam,
de mil estragos, mortes mil povoam
os teus amenos campos deleitosos.

Raivoso despotismo o sceptro horrendo
já receia, já teme ver desfeito,
seus defensores mortos ou morrendo;

cumprindo d'impios fados o preceito,
a ti, Mousinho illustre, só temendo,
fatal pelouro te dirige ao peito.

Janeiro de 1847.

AO ILLUSTRE E INSIGNE POETA GARRETT

Peregrino canto harmonioso
do luso, claro vate sublimado,
em doce plectro igual ao afamado,
que elle outr'ora tangia saudoso:
a divida da patria generoso
pagaste, e padrão alevantado,
d'ambos á gloria eterna consagrado,
será teu mago canto deleitoso.

184...

Indomitas paixões tumultuosas,
no isolado interesse só nutridas,
os brandos laços sociaes rasgados,
d'amor, benevolencia, que deviam
o homem ao homem unir em harmonia,
quaes élos da cadeia invariavel,
tecida pela eterna mão divina;
o sedento mortal insaciavel
d'altas venturas, quaes na mente illusa
mil objectos fallazes lhe descreve
a vaidosa, inconstante phantasia;
com sacrilego ferro a dextra armada,
na fratricida lucta desvairado
o lançam; nem lh'impede os fataes golpes,
vibrados pelo braço furioso,

humano sentimento, que ligado
do mortal ao mortal tem a existencia!

Nas mãos entregue de facção corrupta,
geme a patria opprimida;
a sua flebil voz, oh povo! escuta,
tu lhe dá força e vida.
Nos empregos, sem pejo os olhos fitos,
astutos, cubiçosos,
os teus eleitos em varios conflictos,
de si cuidam briosos.
A patria chore, o povo pague e gema.
embora; bem forrado
o par, o deputado ande, mas tema
a voz do povo irado;
por mil diversos modos illudido,
co'a desgraça luctando,
o thesouro, o paiz quasi fallido,
preza do fatal bando!

D. M. O.

Alcantiladas serras denegridas
do tempo pela mão devastadora,
que do centro do abysmo lá surgistes
em igneos turbilhões de lava ardente;
salve! salve padrão maravilhoso
da força creadora, que sustenta
no ethereo firmamento illimitado,
milhões d'ignotos mundos scintillantes:
por este aspècto o sabio confundido,
a ti, Senhor omnipotente, adora!

Estrada da Cabeça, avistando a Serra de Montachique—15 agosto 1849.

D. M. O.

(Translation by the author)

Craggy mountain blackend by the unsparing
hand of time which hast sprung from the abism
in floods of liquefeed lava;
hail! hail wonderful monument
of the creating power, who throughout
the boundless sky support millions of bright
worlds, at which sight the confounded sage,
amased in respectful owe
the almighty God adores

Á REVOLUÇÃO DE FRANÇA DE 1848

(Improviso)

Pejadas nuvens de sulphureos raios,
envolta a natureza em densas trevas,
luctando arca por arca os elementos
em porfiada lucta;

sobre os pólos a terra vacillante,
fervendo o mar irado, em rolos d'alva
espuma, sobre as nuas, ermas praias
em flor arrebentando;

o nadante baixel desarvorado,
por entre as negras ondas procellosas
perdido vae sem rumo, lá sossobra,
é dos ventos ludibrio.

Os laços sociaes rasgados, cega
turba desenfreada pelas brutas
paixões embravecidas, prostra, abysma
a social estructura.

Ruem da guerra os genios pavorosos,
atribulada exhala a humanidade
sua mágua em suspiros lastimosos,
que pungindo lá vão a liberdade.

A paz co'as artes, as sciencias co'as
filhas, pavidas fogem co'o progresso,
infeliz, entre susto e dor fluctuas,
votada victima de tanto excesso.

Os rèis, os demagogos á porfia,
pelos mesmos intentos animados,
o poder, ambição, soberania,
luctam, em destruir são alliados.

Do soldado a brutal fereza assola
os campos, as cidades, santo asylo
da virgem: o pendão lá desenrola
feroz, da morte, seu antigo estylo.

Mil pompas variadas ostentando,
a civilisação reina, que importa?
se teus instinctos não alteras, bando
infrene, se tu, ó virtude, és morta?!

Se teu gelado coração não sente
a moral sympathia, lei que liga
o mortal ao mortal tão docemente,
sempre infeliz será até que a siga.

Palavras seductoras, os partidos
empregam para t'illudir ó povo;
rei, patria, liberdade, teus gemidos
abafam, e qual és serás de novo.

Teu sangue generoso desperdiçam
em mil combates; fome, cruel peste
teus campos despovoam, mas cubiçam
tudo o que seu dominio e força atteste.

Não mudam tua sorte, querem oiro,
mentidas glorias; alto estado aspiram
orgulhosos, não honra, mas desdoiro
aos olhos da rasão que nunca ouviram.

Adula o povo com falaz esperança
o falso patriota, que pretende
poder, riqueza, e quando tudo alcança,
o povo, tudo esquece, a si attende.

O philosopho attento a causa indaga
do mal que a humanidade tanto opprime;
e, qual tufão, a luz da mente apaga,
ficando em trevas victima do crime.

Por ti, falsa doutrina, que a materia,
amortecida a fé, sceptico exaltas;
o caminho do crime e da miseria
trilhas; a Deus, a ti, ao mundo faltas.

Por ti, oh que horror! cheio d'impio orgulho,
com sacrilega mão, cruel se mata
o falso heroe, desesperado; esbulho,
diz, teu poder, ó morte, e a alma desata.

A virgem desvairada pela cega
paixão, lucta insoffrida, infeliz morre
suicida fatal, sua alma nega
a Deus; o corpo arqueje, o sangue jorre.

Assim tu, Gomes (3)! misero mancebo!
do Creador, de tua alma esquecido,
impio disseste: Deus não concebo;
alem da morte nada: e cáes ferido

Por tua mão pereces, desgraçado!
louco anhelas infausta e dura morte;
sem fé, pelo Senhor abandonado...
Que terrivel exemplo e cruel sorte!

Quem lhe não soa, lendo a tua carta,
o teu ultimo arranco pavoroso?
Quem ha que o coração se lhe não parta
cheio de susto e dor, angustioso?

Miserrima e fatal epocha! segues
d'impia Roma a sacrilega doutrina;
na vereda do crime tu prosegues,
veneno em aurea taça te propina!

Doutrinas dos philosophos romanos,
que dos braços d'infames prostitutas,
para o circo passavam deshumanos,
sequiosos de sangue, almas corruptas!

Philosophos romanos, vis escravos
dos tyrannos mais torpes, mais perversos
que o mundo vira, ferozmente bravos,
á moral, á virtude sempre adversos.

O tyranno de Roma, famulento
de sangue, lá do impuro, ignaro leito,
entregava ao verdugo mais cruento,
a pavida mulher que unira ao peito (4),

A inupta virgem, á morte destinada
pelo feroz tyranno, era primeiro
por ti, algoz infame, desflorada:
castigo mais atroz que o derradeiro.

A civilisação romana é esta,
sempre foi; até que lá no oriente,
alçada a cruz, aos homens manifesta
a sacrosanta lei, um Deus clemente.

Lei d'amor, a virtude n'alma plantas;
os homens todos junto á cruz reune;
santa lei, o mortal a Deus levantas
que te préza, ó virtude, o crime pune!

Qual horrida procella impola os mares,
as cidades, os campos devastando;
o materialista os teus altares,
Senhor, devasta, incredulo, nefando.

Da sociedade, de familia os laços
sagrados desconhece; só adora
as materiaes venturas, em seus braços,
se mil deleites gosa, a moral chora.

Se tu, mortal, aspiras á ventura,
da virtude o caminho segue; préza,
qual te prézas, a humana creatura,
a Deus adora, a Fé conserva illéza.

Do pó, á voz do Eterno, lá surgiste,
qual rei a natureza te sauda;
do vicio, do fatal crime desiste,
pagã philosophia não te illuda.

Agosto, 1866.

AO MEU AMIGO O DR. F. A. BARRAL

(Depois de uma doença em que me tratou com toda a pericia e caridade)

Quando ao pallido enfermo anceia o peito
cruel doença, em torno a morte vaga:
a chorosa familia cerca o leito
d'aquelle a quem amor, d'amor é paga.

Sem esperança, só em Deus confia;
mas tu assomas, oh doutor illustre!
o misero, que já a morte via,
salvas; teu nome alcança novo lustre.

Se alongar-lhe não podes fragil fio
da vida, quando soa a fatal hora;
o coração t'inspira nobre e pio,
christã consolação: vem morte embora!

Tu és, Barral, o sacerdote d'alta
doutrina; generoso o pobre amparas;
ditoso o sabio que a virtude esmalta
e que jurou seguil-a sobre as aras.

O sabio um ser eterno não rejeita;
acostumado a ler da natureza
o livro, um ente necessario acceita:
o Creador de toda a redondeza.

No illimitado espaço, radiantes,
por elle fulge o sol, a lua, estrellas;
e milhares de mil astros brilhantes:
assim o teu poder, oh Deus, revelas.

Por elle a linda flor brota no prado,
por elle o mar e terra se povôa;
e tudo quanto existe em alto brado
o seu poder e glorias apregôa.

A mente é elle só que t'illumina,
junto ao leito do triste moribundo,
e teus preceitos tão sabios t'ensina,
para que fuja á morte e volte ao mundo.

Feliz amigo, crês no Deus eterno;
pagã philosophia não t'illude:
feliz quem reconhece o ser superno,
e a senda trilha sempre da virtude!

Meu rude verso tu, doutor, acceita;
não mentida expressão ou lisonjeira:
a voz geral acclama-te insuspeita,
voz que, como a do Eterno, é verdadeira.

Lisboa, 1868.

AO AVISTAR A SERRA DO BUSSACO

O heroe é como o tufão que passa, troa, assola... espanta! fica-lhe apoz um côro immenso composto de hymnos, silvos e maldições...
THOMAZ RIBEIRO.—*Delphina do mal.* DEDICATORIA.

Novo Attila sem fé devasta o mundo,
qual tufão procelloso os campos tala,
as cidades de Lysia, e furibundo
logo tudo avassalla.

Sacrilego e feroz assolla o templo;
a virgem casta e pura junto á ara
expira desflorada, tal exemplo
dos selvagens tomára.

Mas logo ás armas corre o luso povo,
e denodado, sem pavor, agora,
a patria escrava assim livra de novo;
como fizera outr'ora.

O terrivel francez o monte assalta,
e lá encontra o luso bellicoso,
a quem o patrio amor fiel lhe esmalta
o coração fogoso.

Eis a sagrada serra que a victoria
coroou. Ali foi vingada a affronta;
e do luso valor a clara historia
a mãe aos filhos conta.

No fervoroso coração lhe inspira
aquelle ardente amor que immortalisa
o grego heroe, que o mundo tanto admira,
d'honra e gloria balisa.

Ingrata geração, que não levantas
á memoria de taes heroes bem alto
padrão (5); e ás lusas quinas sacrosantas,
que lembre o fero assalto!

Mas embora; que jazem derrocados
os marmoreos padrões de grande fama,
emquanto sempre duram sublimados
os que o vate proclama.

LAMENTO

Et factum est verbum Domini ad me dicens, tu ergo filii hominis assume super Tyrum lamentum.
PROF. EZECHIELIS.—Cap. 17.º

Milhares de galeras alterosas,
as riquissimas pôpas matizadas
d'eburneos embutidos refulgentes,
do mundo em volta os mares dominavam,
oiro levando aos povos mais remotos,
e riquezas sem conto d'opulenta
cidade, oh Tyro! cujos baluartes
defendiam impavidos soldados
á guerra affeitos, do inimigo espanto!
Mas a justiça do Senhor não tarda;
e pelo braço de Nabuco pune
aquelle iniquo povo dissoluto;
suas torres no pó, seus derrocados

palacios, jazem; só ruinas mostram
do riquissimo imperio antigo sitio.

Thebas, Memphis, Ninive, Babylonia,
sumptuosas cidades dos imperios
mais vastos que assombrado o mundo vira,
e tu, Jerusalem, feroz cidade
que ao cordeiro sem mancha a morte déste,
pelos conquistadores assoladas,
guiados pela mão divina, justa
e severa, que assim a humanidade
corrupta, por seus crimes castigava;
suas ruinas, seus captivos povos
despojados de suas cubiçadas
riquezas, são o exemplo do castigo.

Onde estão as cidades sumptuosas,
em que as artes unidas ás sciencias,
palacios, templos, torres construiram
que promettiam duração eterna?
Mas debalde! que só ruinas hoje
encontra o viajante nos logares
que tão cultas cidades occupavam!
París, és tu agora novo exemplo
de pervertidos povos; não escutam,
impios, a tua voz, oh Deus eterno!
No charco immundo de paixões insanas
mergulhados, sem fé, sem Deus, a vida
gastam debalde, e tudo sacrificam
á civilisação enganadora
que, fascinados, os illude e perde;

e por falsas doutrinas pervertidos,
philosophos sem fé, a Deus renegam.

Vêde Guilherme e Victor, novos Attilas
ferozes; um a França vae talando,
e seus filhos captiva sem piedade,
que lamentam a sua sorte infausta.
Tu, Victor, mais feroz que o rei dos Hunos,
que á vista do pontifice romano
deteve as suas hostes furibundas,
o pontifice e Roma agora opprimes.

Outubro de 1870.

O DIA 25 DE MAIO DE 1872

(Em que fez 79 annos)

Setenta e nove já passados conto
d'amargurada vida sem ventura;
são dias mallogrados, em desconto
d'alguns felizes de tão pouca dura.

«Por mil differentes modos illudido»,
indomitas paixões tumultuosas,
o ardente coração desprevenido
loucas me combatiam porfiosas.

Nos braços da belleza delirante,
entregue a mil desejos desvairado,
agora incanto, fragil, vacillante;
mortal, eis tua vida, eis o teu fado!

Tufão caliginoso a nau assalta:
assim, perdido o rumo, a vida humana
persegue igual tormento, e sobresalta;
que a bonança no mar a vida engana.

Minha alma já não crê no falso brilho
da côrte, do poder, da vã grandeza,
que a gente illusa adora; a senda trilho
que o coração m'inspira, com firmeza.

Debalde o sabio a natureza indaga
e pretende saber o seu arcano;
mas do pouco que sabe, a fatal paga
é, de quem nada sabe o desengano!

Valer á patria afflicta, arruinada
por aquelles que á custa d'ella tredos
medram, nobre ambição desinteressada!
mas quam poucos combatem seus enredos!

Se dentre o povo se levanta um grito
contra aquelles que regem seus destinos;
se sua fatal sorte chora afflicto,
quaes são, logo se mostram os mofinos!

Eis logo se apresentam apressados,
famintos e fingidos patriotas,
que ainda mais o devoram denodados,
explorando seu mal, vis agiotas!

Adulado com mil venaes promessas,
contra ti mesmo, oh povo! tu combates;
que te illudiram já por fim confessas,
e, insano, tu cada vez mais te abates.

Mas corações que a patria, generosos,
adoram, não se abatem; novo brio
cobram; assim quarenta heroes famosos
Lysia arrancam d'Hespanha ao poderio.

Se já tiveste, oh patria, tão valentes
corações contra o fero jugo estranho,
agora ainda os careces mais ferventes,
para te libertar de mal tamanho.

Mas ai! a campa já aberta vejo!
e lá quando o momento derradeiro
chegue, —fatal momento!— n'este ensejo
auxilia-me tu, Deus verdadeiro.

Na agonia final os meus gemidos,
meu ultimo suspiro lastimoso,
sejam por ti, eterno Deus, ouvidos...
Perdôa minhas culpas, Deus poderoso!

Maio de 1872.

IMPROVISO

MOTE

«Ter amor não é defeito»

A provida natureza
fez o mortal mais perfeito;
alma lhe deu para amar,
ter amor não é defeito.

Não temas, Nise, não temas
amor entre no teu peito;
não cuides que amor é crime;
ter amor não é defeito.

Em tudo quanto respira
vês d'amor o doce effeito;
e tudo t'está dizendo:
ter amor não é defeito.

Meu coração não desprezes,
de ha muito a amar-te affeito;
constante, leal te adora,
ter amor não é defeito.

1818.

—

AO SR. JOÃO FORTUNATO DE OLIVEIRA

Melodioso vate, quer revivas
o nome do preclaro
Infante, ou as saudades excessivas
da patria amada, o raro
canto t'inspire; quer a alpestre serra
do pico alcantilado,
que tão occultos mysterios encerra;
teu estro bemfadado,
insigne genio, entre os de Lysia vates,
fará fulgir teu nome,
quando tua sonora voz desates,
sem que o tempo t'o dome;
em ti, Madeira, ver não quero agora
linda terra florida,
a tua formosura, por quem chora

o ausente em voz carpida:
em ti, dos mares bella flor virente,
só o teu poder vejo,
oh eterno Senhor Omnipotente!
e adorar-te desejo.
Povoaste á porfia o ethereo espaço
de mil fulgentes mundos:
foi á força do teu poderoso braço
que lá dos mais profundos
abysmos, surgiu terra abençoada!
Deste lei constante
á natureza, que por ti, oh Deus, creada,
existe triumphante
na serie dos seculos; um momento
para ti, Deus eterno!
que do celestial sublime assento,
com puro amor paterno,
tudo reges; e quem te não vê ente
necessario? adorado
pelo rude selvagem, que te sente,
de quem és ignorado!
O teu poder o sabio cauto indaga
e do universo a vida.
O canoro alaude, tu, não tardo
empunha; d'elle solta
altisonante canto, illustre bardo;
o mundo corra em volta
a vã philosophia que só cura,
tão ousada e tão louca,
em deixar a Deus pela creatura;
desmascarada apouca;

conheça quem a fé á rasão junta
lhe mostre, e quanto póde;
se quem é incredulo ainda pergunta,
—é Elle! — prompto acode.

Funchal—Abril de 1865.

NO ENTERRO DE UMA MENINA

DE 16 ANNOS

A Ex.ª Sr.ª D. Maria Izabel de Napoles Caupers,
fallecida a 14 de julho de 1867, depois de prolongada e dolorosa doença

A virgem, junto á campa casta e pura
ali jaz! quão feliz! pelo celeste
espirito guiada, vaes segura,
alma do Senhor, o corpo á terra deste!

És feliz e ditosa, que deixaste
pelo immortal as vans glorias da vida,
para ti martyrio; e consagraste
constante a Deus a tua santa lida.

A fé te deu valor, e, jubilosa,
vês chegar o momento derradeiro!
viveste pura e morres venturosa,
deixando o infausto mundo traiçoeiro.

Quinta de Santo Antonio (Telheiras). – Julho de 1867.

OS PRAZERES DA ESPERANÇA

(The Pleasures of Hope, by Thomas Campbell)

Se na tarde estival, quando o circulo
ethereo os altos montes doura, volves
os olhos pensativos para a serra,
cujo pincaro brilha com os raios
do sol, e lá no espaço se confunde;
por que rasão parecem os outeiros,
sombrios pelo crepusc'lo, á tua vista
mais bellos, mais brilhantes do que as galas
que, pomposamente, revestem os objectos
que te rodeiam, te sorriem? olhos
a distancia seduz; assim da vida
anhelas trilhar a vereda ignota
e alcançar as venturas desejadas;
assim, ao longe, obscuras scenas fulgem;
que tu apontas, phantasia, cheias
de maior brilho, graça deleitosa,

do que as antigas já tão esquecidas;
que espirito celeste os fascinados
olhos para o futuro te dirige,
vedado pelo véu caliginoso?
poderias tu, sciencia, com o immenso
poder que ostentas, antecipar horas
esquivas d'alegria e de ventura?
oh não! que no horisonte limitado
confusamente vês a sorte humana;
e se a vista te mostra d'ella a imagem,
é natural, severa e verdadeira.

Em ti, doce esperança, a luz celeste
reside, o teu futuro, mortal, doura;
o afan da vida procellosa encanta,
e as paixões tuas do lethargo acorda;
então eu vejo o bando todo em roda.
acudir á voz tua sem demora,
e, no teu coração, mortal, sedento
do prazer, dispertar almo desejo,
ou o de te seguir immortal gloria.

A prima esperança a musa Aonia descanta,
quando o mortal e a natureza em pranto
a ruina primeva lastimaram;
quando maligna estrella sobre a terra,
hervadas settas dardejava a fio,
para por meios differentes, modos
diversos, entregar o homem, fadado
pelo destino, á morte e á desventura;
quando, assassino, ergueu sanguineo braço,

e a guerra assoladora ao ferreo carro
jungiu feros dragões sanguisedentos.

A paz e tu, piedade, foragidas
do mundo, sobre as azas dos favonios,
então para o céu outra vez volvestes;
tu, divina esperança nos ficaste;
assim Elias no carméleo monte
o carro aprompta igneo, com elle varre
do ether as solidões, e antes que os renda
ao imperio, sobre o mundo o monte lança,
para o homem dom feliz e sacrosanto.

esperança propicia brotas flores
para cada cuidado, cada magoa!
pela sua fragancia convidado,
se ao teu alcaçar chega o peregrino,
logo ali, quaes abelhas, lhe sussurram
em torno, alegres sonhos preparados
por ti solícita, por ti benigna;
e os vaporosos sons da eolea lyra,
da fronte alisam magoados sulcos.

Tu anjo com as azas rutilantes,
os limites da terra mais remotos
exploras, do pelago as ermas praias;
aos desencadeados ventos cede
o piloto, e lá voga sobre as vagas
encapeladas do insondavel pego
o baixel demandando novos mundos:
as ondas do atlantico o conduzem

lá onde os Andes, austral mole ingente,
qual pavilhão ao vento desenrola
meteoros, que a côma lhe rodeiam,
e do nevoso throno o mundo encara.

Para onde apenas tu sorris, estio,
sobre os rochedos de Behring, ermas
praias do Groenland, onde regeladas
sopram as brisas, que levam os uivos
do lobo polar sobre as procellosas
campinas boreaes do mar ceruleo,
lá chegas tu, ousado navegante.

Tu, filho do perigo dos escarcéos,
a fórma varonil tens alterada
pela tristeza, o coração de maguas
cheio; teu baixel já despedaçado,
pelos rochedos, mar, ventos detido,
está longe da casa desejada.

Mas da esperança a voz encantadora
a tua alma consola, o mar serena;
bem como fulgurante raio as trevas
d'entre as opacas nuvens illumina;
e com seu prestigio te deleita:
os patrios montes dos felizes climas,
a gruta em que resoára o canto teu,
a tua casa, o teu leve barquinho
em que o lago sulcavas prateado;

a florida campina, á porfia

tudo na mente satisfeito volves;
e mais veloz que o vento que te leva,
o pensamento vôa; a praia amada
trilhas, que suspirando então deixaste,
a cada passo encontras rosto amigo;
emfim a tua Helena, em doce pranto
banhada, que apertas nos teus braços,
longo espaço do collo amado pende;
depois os caros filhos terno abraças:
ha pouco desprezado, mas agora
festejado, o teu cão, fiel Melampo,
em roda de ti salta, os olhos fita
nos teus, com alegria te festeja.

No meio do perigo em ti confia
o heroe, para alcançar, intrepido,
alto poder, faustuoso estado!
Na guerreada lide ou no alagado
campo, o desanimado em ti espera,
e para ti, oh Deusa, os olhos volve.

—

O CEMITERIO D'ALDEIA

(Elegia de Gray.—Versão)

Nec verbum verbo curabis reddere fidus interpres.
HORACIO.—*Arte poetica.*

Tange o sino, fenece o claro dia,
o rebanho mugindo vagaroso,
livre pela campina em giros vaga;
o cansado colono ao casal volve,
abandonando o mundo, a mim e ás trevas.
Já se escondem aos olhos campos, montes,
solemne quietação nos ares reina,
que noctivago insecto só perturba,
vagando incerto pela escura noute,
ou de tenue clarão zumbindo em torno;
ou pelo retinir das campainhas
que a descansar o gado já convida.

Melancholico mocho á nivea Délia
se queixa de que seja devassado
o antigo asylo do seu ermo imperio
pelos do caminhante incertos passos.
Os que outr'ora habitavam esta aldeia,
á sombra dos annosos, carcomidos
olmeiros, lá descansam socegados
no luctuoso, funebre jazigo;
a perfumada viração da aurora,
os gorgeios da profuga andorinha,
nem, qual clarim, a voz do gallo estrídula,
nunca os foram erguer do terreo leito:
jamais do lar a chamma crepitante
aquecerá os seus gelados membros;
nem da esposa solicita os afagos,
dos ternos filhos infantis caricias,
á noute acolherão a sua volta.
Quantas vezes não foi a loura messe
segada pelo braço que sulcára
alegre, co'os novilhos, fertil campo,
ou derrubára o antigo e secco freixo?!
Dos seus trabalhos, ambição, não zombes
e nem dos seus domesticos prazeres;
nem tu, riqueza, menosprezes, rindo,
a simples, breve historia da pobreza:
ostentados padrões, poder excelso,
gloria, thesouros, a sem par belleza,
tudo o que o mundo incauto, falso, adora,
o mesmo trilho tudo segue á campa!!
E vós, soberbos, se não vêdes ricos,
levantados padrões de lisa pedra,

memorando seus feitos singulares,
nem ouvis resoar no templo santo
seu nome illustre, a culpa não é sua;
epitaphios pomposos, nénias tristes,
ó tu, celebre artista, que imitaste
feições d'heroes, tornal-os-heis á vida
ou a fingida voz da vil lisonja,
ou a da patria que de novo os chame?
Talvez este recinto desprezado,
encerre algum invicto, generoso
coração, para quem o sceptro leve
fôra, ou do Thracio vate a lyra herdasse!
Mas tu, sabedoria, não lh'abriste
os teus ricos thesouros, generosa,
e tu, fatal pobreza lh'apagaste,
com a gelada mão chamma celeste!
Quaes do pelago encerram vastas grutas,
fulgentes joias do mais puro brilho,
quaes n'alta serra ignotas flores brotam
a fragancia perdida no deserto.
Talvez aqui algum Hampder ousado,
o terror do villão, tyranno durma,
Milton sem gloria, Cromwell innocente
de ter da patria derramado o sangue.
Por seu humilde estado não puderam
receber os applausos dos attentos
senadores, do povo a infeliz sorte
desprezar, ou temer seu fero aspecto,
ou no rosto a ventura divisar-lhe;
suas virtudes foram só modestas,
mas os seus crimes limitados foram;

ao throno os não levou sanguinea estrada;
não desprezaram, duros, a piedade,
nem do pudor as lagrimas que a movem;
c'o falso brado da verdade austera,
jamais bardo venal louvou seus dotes,
nas azas do orgulhoso luxo insano;
vãos debates das turbas delirantes
nunca suas esperanças illudiram;
peregrinando pela via incerta,
sem receio a vereda percorreram.
Afim de que respeitem suas cinzas,
um pobre e tosco monumento as cobre,
de grosseira esculptura, onde gravára,
em logar de pomposas elegias,
musa inculta, seus nomes, sua idade,
que um teu suspiro imploram; rudes linhas
cercadas de sagrados textos: Morte!
a ti, mortal, a desprezar ensinam.
Receiando total esquecimento
alem da vida, quem não volve os olhos
para a memoria sua, que deixára
crepusculo do mais formoso dia;
olhares moribundos pedem lagrimas,
grita da campa a voz da natureza,
e o fogo antigo as cinzas não o perdem.
«E tu, que te lembraste do poeta
que relatou dos mortos breve historia,
se acaso alguem comtigo parecido
quizer saber qual foi a sua sorte,
talvez algum ancião dizel-o possa,
que muitas vezes antes da alvorada,

sulcar o viram a orvalhada relva,
para esperar no monte o sol nascente;
ali, junto d'aquelle derrocado
freixo, cujas phantasticas raizes,
tecidas quaes grinaldas, o sustentam;
quantas vezes o vimos lá sentado,
fito olhando o ribeiro que alem corre,
ou sorrindo, mofando, para o bosque,
fallando só, os passos dirigia,
oppresso por seus tristes pensamentos,
qual victima infeliz d'amor infausto;
um dia não o vimos junto ao monte,
nem á sombra do freixo tão prezado;
n'outro, no bosque, triste, não vagava;
canticos luctuosos entoando,
no seguinte, á egreja o conduziam.
Chega-te áquella pedra, que ler sabes,
verás n'ella gravada a sua historia.»

Epitaphio

Pela riqueza e gloria desprezado,
n'esta sagrada terra,
um infeliz rapaz aqui descansa,
que o talento dotára;
mas foi em vão, porque a melancholia
apoderou-se d'elle.
O céu benigno concedeu-lhe uma alma
sensivel, generosa,
e o que tu desejavas, um amigo!
O afflicto, o desgraçado,

com o que elle só tinha, que eram lagrimas,
piedoso consolava.
Se foi fraco ou sómente virtuoso,
oh! devassar não queiras!
temeroso, mas cheio d'esperança,
só no Senhor confia.

SONETO

Improvisado em 1820, vendo uma collecção de retratos
de heroes portuguezes

Valentes lusitanos tão famosos
vossas acções, intrepidas façanhas,
espanto fazem ás nações estranhas
ouvindo os nobres feitos portentosos;

Lá nos feros combates, animosos
o estado defendestes de tamanhas
affrontas; contrapondo a adversas manhas
os fortes corações tão fervorosos.

O que dirieis vendo os malfadados,
timidos descendentes, supportando
grilhões na adusta America forjados?

Os turvos olhos d'elles apartando,
por vós seriam logo desprezados,
os netos vis assim maldiçoando.

ODE

Com relação ao assumpto antecedente

Embora o despotismo enfurecido
Amole o gume da cruenta espada,
Sanhudo a vibre sobre o altivo collo
Da libertada Lysia;

Embora a vil lisonja pervertendo
Idéas, a perjuro infante chame
Pae da patria, seguro e forte esteio
Já do altar, já do throno;

A sorte impia favorece negros
Projectos que a ambição fallaz e cega
Entre crimes e vis traições lhe doira
Na cavillosa mente.

D'heroes taes cercado, sem receio
O varão forte encara, mas não teme
Despota furibundo os seus furores,
As sepulchraes masmorras.

Com semblante sereno encara a morte,
Mas não dobra a cerviz, mas não adora
Idolo falso, que a rasão offende;
Perece livre e puro!

Estrada de Olhalvo para Alemquer em 1829.

SONETO

Ao ex.^mo sr. visconde de Fonte Arcada, cher frère en Apollon

Obraste, nobre amigo, optimamente,
dando-te á distracção de viajante;
os lamentos de Elysia agonisante
não ouves de tão perto diariamente!

Corroía-se teu peito extremamente,
tornava-te o amor patrio delirante,
aos feitos de tanto avido tratante,
ás burlas de politica demente!

Ora, aqui, junto das alpestres fontes
cantor, em quem rutila etherea flamma,
tenta das aves suas a harmonia;

ora lá do alto d'estes verdes montes,
fitando a patria, vibra um epigramma
ao rosto vil de tanta picardia!

Funchal — 10 de outubro de 1861.

J. A. Monteiro Teixeira.

AO ILLUSTRE VATE MADEIRENSE
MONTEIRO TEIXEIRA

Em resposta a um soneto que me dirigiu

Debalde amigo pretendes,
que pulsando a branda lyra,
com penetrante epigramma
de Lysia os mandões eu fira.

Enluctada a phantasia,
meu verso desengraçado,
em logar de rir, só chora
dos homens o triste fado.

Tu Monteiro, vate illustre,
dos Boileaus e Tolentinos
herdeiro, como elles feres
os immoraes desatinos.

Risonha musa e venturas,
poeta, alonguem teus dias;
co'os amigos já descansa
livre de falsas Armias.

Mas ai! que a ventura é só
a visão fallaz, mentida,
que, entre affagos enganosos,
do mortal illude a vida!

Co'a rasão sempre luctando,
o coração combatido
pelas paixões procellosas,
emfim succumbe insoffrido.

Indomito amor funesto
a existencia lhe devora;
porque em vão geme e delira
por aquella a quem adora.

Ora no dourado throno
seu alto estado maldiz;
entre pavidos receios...
como todos, infeliz!

Empunhando ferreo sceptro,
impio rei, não rege, opprime
triste povo já escravo,
no qual té a queixa é crime!

Agora as inquietas turbas,
quaes encapelladas ondas
pelo noto revolvidas,
quanto iradas, hediondas!

Phocio, Socrates divino,
bebem a fatal cicuta;
victimas d'atroz calumnia,
d'infame facção astuta!

Feroz povo desalmado,
no teu puro sangue, ó França,
se revolve; o cadafalso
rodeia; bebe, ri, dança!

O barbaro fanatismo,
horrivel, o facho empunha;
mil victimas innocentes,
d'atrozes crimes alcunha.

Qual oasis no deserto,
rara a virtude se ostenta;
triumphante o crime surge
da vil corrupção que o alenta.

Com sophismas o sacrilego,
té do universo o auctor nega;
idolos mil adorando,
n'elles o seu culto emprega!

A devastada Polonia
nas garras do fero abutre.
America!... triste quadro!
que alma fera o mortal nutre!

Eis do mortal orgulhoso
negra, celebrada historia;
o lugubre quadro infausto
de seus fastos, sua gloria!

Lá quando propicia campa,
a funebre cinza fria
abrigar do vate amigo,
em terra sagrada e pia:

sobre a dura e lisa pedra,
sacro louro desfolhado
seja por ti saudoso,
de terno pranto banhado.

Seja sim, que a sombra minha
em volta de ti voando,
do tumulo arcano occulto
te irá ledo revelando.

Debaixo da fria lousa,
do jazigo no remanso,
então verás que o mortal
só encontra lá descanso.

Que despido o terreo manto,
o espirito feliz vôa
para a celeste morada,
onde hymno de gloria sôa.

As densas trevas rasgadas,
de Jehovah sacrosanto,
os mysterios portentosos
adora cheio d'espanto.

Da lyra as cordas sonoras
não mais vibrem: enluctada,
qual o funebre cypreste,
não a fira mão ousada.

Não, que o vate desditoso,
por sinistros pensamentos
opprimido, lyra infausta,
só extrahe de ti lamentos.

Funchal — 1864.

———

AO BALEAL JUNTO A PENICHE

SONETO

Ao longo d'indomavel costa e fria,
do cauteloso nauta receiada,
quando a tumida vaga encapellada
revolvem soltos ventos á porfia,

Não longe da fragosa penedia
da bellica Peniche acastellada,
esteril rocha —Baleal— chamada,
temerosa s'eleva alta e bravia.

O mundo e seus deleites esquecendo,
e por elle, voluvel, esquecido (*),
feliz fôra comtigo ali vivendo;

lindo prado das nymphas tão querido,
que as aguas de crystal banham descendo,
é, sem ti, Nise, um ermo desabrido.

Praia da Consolação — Agosto 1840.

(*) The world forgetting, by the world forgetten.

Thompson.

A MADRUGADA

Eis que fulge radiante
por entre nuvens douradas,
mais que todos rutilante,
o astro que as serras nevadas,
os mares, campos viçosos,
co'a etherea luz scintillante,
e com os seus poderosos
influxos, a cada instante
renova do Omnipotente
sublime obra magestosa,
que, do nada, á voz potente
surgiu perfeita e formosa.

Quinta de Santo Antonio, Telheiras, ao amanhecer de um bellissimo dia de junho de 1863.

IMITAÇÃO DO INGLEZ

Perdida a furia, os ventos do gelado
inverno, no ditoso
clima, fazem florir o perfumado
campo; noto raivoso
sopra debalde do boreal, frigido polo;
lá não chegam as neves
frias, n'aquelle bemfadado solo,
fragantes auras leves
o bemaventurado só aspira:
ditosa e feliz terra,
que inspiraste d'Homero a sacra lyra,
que tal mysterio encerra!

Funchal — 4 de abril de 1865.

O HOMEM

Não longe soará a derradeira
hora da tua carreira,
malfadado mortal, que, desditoso,
lá no pelago procelloso
d'indomitas paixões enganadoras,
negras, fataes, oppressoras,
qual baixel pelas auras inclementes
combatido, os refulgentes
astros, toldados pelas densas trevas,
o rumo perdido levas!

Rasão, em ti celeste dote brilha,
do Creador pura filha,
em vão a mente illusa t'esclarece:
alto valor te fallece,
e debalde a teus olhos fascinados,

assim querem duros fados,
o alcaçar magestoso da virtude
te mostra que, insano e rude,
d'elle te apartas com incerto passo,
volvendo ao lethal regaço.

Assombroso mysterio que em vão tento,
com o altivo pensamento
sondar! oppressa, não concebe a mente,
feitura do Omnipotente,
oh mortal! que desprezas a celeste
origem, que te reveste
de gentis fórmas, alma similhante
á do Senhor que perante
a creação te mostra tão perfeito,
para ser seu rei eleito.

Tudo concebes, tudo vês; indagas!
do mar as tumidas vagas
sulcas, ora a fagueira, leve brisa,
as ondas propicia alisa,
sobre as quaes brandamente balouçado,
e pelos astros guiado,
pódes, pela sciencia dirigido,
a solidão do temido
pégo ousado vencer; nem temes sorte
dura, ou a mais dura morte.

Rugem os soltos ventos, que montanhas,
espumosas, de tamanhas
vagas, assaltam o baixel velleiro!

nunca adusto marinheiro,
que mil e mil tufões presenceára,
tanto a morte receára:
mas impavido o mestre vigiava;
d'esperança lhe dourava
um raio a mente sabia; observa os ares,
a manobra vence os mares.

Onde não chegas tu, sciencia sua!
lá na vastidão fluctua
d'ethereo firmamento illimitado,
leve barquinho dourado:
Aereonauta, pretende novos mundos
conquistar; oh! que profundos
pensamentos te levam sem receio
pelo espaço ignoto, cheio
de orbes mil; onde á tua voz, superno!
surgiram oh Deus eterno!

Tu, oh genio que inspiras o meu canto!
se posso aspirar a tanto,
propicio altos segredos me revela
da mais sublime arte bella,
para que, dignamente, possa em terso,
grandiloquo, ousado verso,
exaltar maravilhas espantosas
da nossa idade, famosas,
ainda mais das que outr'ora abrilhantaram
os seculos que passaram.

Agora pelo invento celebrado
de Fulton, tão admirado,

unes os mais remotos d'entre os povos
espantados com os novos
transportes voadores, annullando
as distancias, e provando
quanto pódes, engenho, quanto vences!
porque tu, mortal, pertences
aos seres em que fulge immortal chamma,
que divino te acclama.

Qual raio por electrico rastilho,
d'entre as nuvens segue o trilho
da terra onde fenece; a idéa vôa
e promptamente resôa
d'um a outro polo; por delgado fio
atravessa o mar, o rio,
galga os montes, e, como se comtigo
ali tiveras o amigo,
com elle fallas, ris, com elle choras
saudosas, tristes horas.

Ao sol roubas um raio luminoso,
dardejando fulgoroso
por entre obscuro espaço, na polida
lamina, grava da fida
amante o rosto lindo, do teu caro
amigo, do heroe preclaro:
nos seculos futuros o teu nome
voraz tempo não consome,
DAGUERRE illustre; o bardo t'afiança
eterna fama, descansa!

Quinta de Santo Antonio, Telheiras — Setembro de 1863.

PENSAMENTOS DIVERSOS

A inveja e o ciume differem entre si; porque o ciume não tende senão a conservar-nos um bem que, ou é nosso ou que tal o julgâmos; a inveja é um sentimento que temos dos bens e felicidade dos outros; não porque muitas vezes julguemos que estes bens e felicidades o fossem para nós; mas porque sentimos que haja pessoas que possam ser mais ou tão felizes como nós.

Antes ser enganado pelos outros, do que andar continuamente cogitando como isto se ha de evitar; pois creio não haver estado mais desgraçado do que o de uma continua desconfiança.

As leis foram inventadas para castigar e prevenir os crimes; para isto é preciso que estes crimes tenham sido commettidos, e se tema que se possam continuar a commetter; pois que não ha lei nenhuma que mande punir crimes que se não conheçam: logo, parece-nos que, onde ha mais leis e onde são mais fortes os castigos contra este ou aquelle crime, é onde elle se commette mais amiudadas vezes.

Os esforços que em Inglaterra muitas pessoas de grande importancia e o mesmo parlamento têem feito a favor dos animaes, para que sejam tratados com toda a humanidade, longe de nos provar esta virtude dos inglezes, pelo contrario nos provam a sua barbaridade, que tem chegado a tal auge, que tem sido preciso fazer leis severas para lhe pôr freio.

NOTAS

Nota (1) a pag. 24

Os cometas são uns astros que apparecem de tempos a tempos e que se movem em todas as direcções, parecendo descrever orbitas ellypticas á roda do sol, mas tão alongadas que se confundem com as orbitas parabolicas, quando estes astros se approximam do sol, que é o tempo em que sómente se podem ver.

Nota (2) a pag. 33

Foi arrancada pela propria mão do commandante Jayme, do batalhão de Vizeu; o que o auctor só soube depois de feita esta composição.

Nota (3) a pag. 55

José Alexandre da Silva Gomes, de pouco mais de vinte e nove annos de idade, suicidou-se em sua casa com um tiro de pistola. Era um mancebo de muitos estudos classicos; estava empregado na bibliotheca publica; padecia, havia muitos annos, do peito; deixou varias cartas para os seus amigos, e a seguinte para o sr. conde de Peniche, que o protegia, publicada no Jornal de Lisboa de 31 de julho de 1866. Por ella se vê como este infeliz estava allucinado pelas doutrinas materialistas dos philosophos romanos e de outros similhantes!

Segue a carta: «Sr. conde. — Grande ingratidão seria a minha se não me despedisse de V. Ex.ª, um dos meus poucos e generosos amigos.

«Ha sete annos lhe disse que não tencionava morrer de doença, porque preferiria, em tal caso, uma dor forte, mas momentanea, a um penar continuado e sem esperança.

«Classificará V. Ex.ª esta minha resolução, ha tanto tempo formada, de allucinação mental? Parece-me que não. Allucinados estariam tantos philosophos antigos e modernos que defenderam o suicidio. Ouçamos Plinio e Seneca. Plinio: *Ex omnibus bonis quae homini tribuit natura, nullum melius est, tempestiva mors, idque in ea optimum quod illum sibi quisque prestare poterit.* (L.º 28, § 2.º). Seneca: *Agamus Deo gratias quod nemo in vita teneri potest. Luserunt ista poetae et nos vanes territavere terroribus.*

«Que distancia entre a ridicula philosophia que nos ensinam nas escolas e estes elevados pensamentos philosophicos! A respeito da vida futura e das penas do inferno, ahi vae tambem citação de Cicero e de Terencio. Cicero: *Mors est finis omnium malorum.* Terencio: *Post mortem nihil est; ipsa mors nihil.*

«Seria objecto de longa dissertação o citar todas as opiniões em favor do suicidio. Adeus, e para sempre, sr. conde, saiba que não protegeu um ingrato; eu sempre fui de V. Ex.ª um amigo muito agradecido.— *Gomes.*»

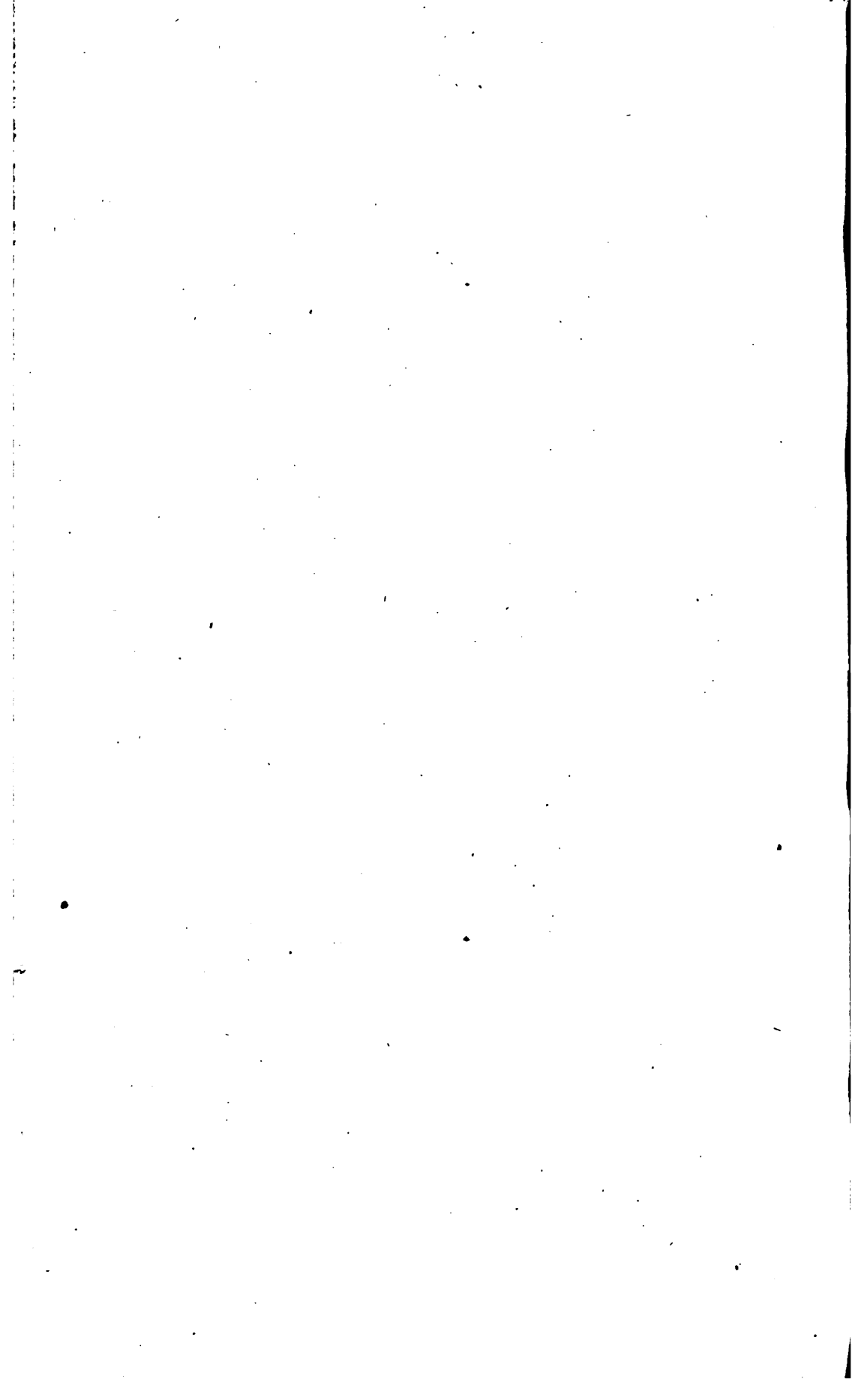
Eis o resultado de uma instrucção unicamente litteraria sem ser acompanhada pela religiosa.

Nota (4) a pag. 56

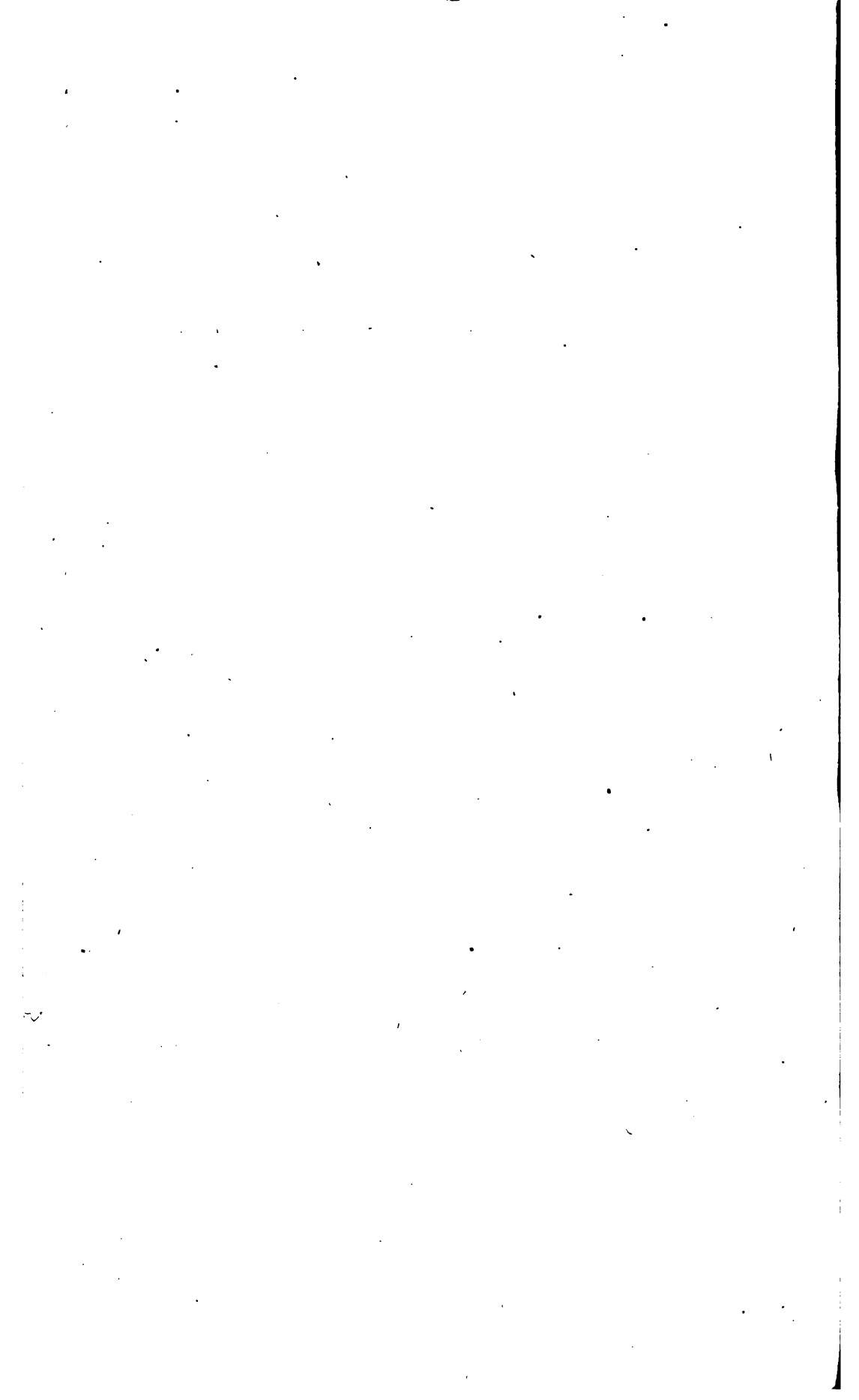
Messalina, filha de Sejano, esposa de Claudio, que a mandou matar pela sua devassidão, e porque, na sua ausencia, casára com outra. (Tacito, l. 9.º).

Nota (5) a pag. 62

Estão felizmente satisfeitos os desejos do auctor, com o monumento que hoje se acha levantado no Bussaco, em memoria dos altos feitos praticados pelas nossas tropas durante as porfiadas campanhas da guerra peninsular.

VOZES LEAES AO POVO PORTUGUEZ

ADVERTENCIA DO AUCTOR

Ha muito tempo, como se vê pelas datas, que as seguintes poesias, embora incultas, foram escriptas; estavam porém esquecidas na minha carteira, sem que eu tivesse tenção de as publicar pela imprensa; todavia, como haja quem, para medrar, pretenda em 1869 renovar os acontecimentos de 1580, cujo resultado foi a escravidão da patria por sessenta annos, querendo outrosim que d'esta vez *a fundemos para sempre;* e quando vozes generosas, tanto no parlamento, como em associações de homens dedicados á independencia nacional, se têem levantado contra a união de Portugal á Hespanha, interpretando assim o sentimento geral do povo portuguez, sentimento que tem sido partilhado pela imprensa periodica, e em outras publicações; cumpre que todos aquelles portuguezes que sentem palpitar-lhes no peito o coração generoso, auxiliem e promovam por todos os modos tão magnanimos esforços para defender a nossa independencia.

Tal foi a rasão que me obrigou a publicar estas poesias.

I

AO MEU PREZADO AMIGO E INSIGNE POETA

THOMAZ RIBEIRO

Meu Portugal, meu berço d'innocente,
lisa estrada que andei debil infante,
variado jardim do adolescente,
meu laranjal em flor sempre adorante,
minha tarde de amor, meu dia ardente,
minha noite d'estrellas rutilante,
meu vergado pomar d'um rico outono,
sê meu berço final no ultimo somno.

Quem espera venturas d'essa Hespanha
é louco!
Quem d'um reino maior deseja a sanha,
só por mostrar ao mundo informe vulto,
embora venda a patria pelo insulto,
de ser um desleal, um mercenario,
deseja mal e pouco!
Mas ai! é de verdades um sacrario
o livro de Camões;
é força que entre os mesmos portuguezes,
alguns traidores haja algumas vezes.
(THOMAZ RIBEIRO, *D. Jayme.*)

Vereis amor da patria não movido
por premio vil, mas alto e quasi eterno;
que não é premio vil ser conhecido,
por um pregão do ninho meu paterno.
(CAMÕES)

De teu estro facundo, eximio vate
brotem, quaes puras aguas crystallinas
de caudalosa fonte,
altivos sons, e n'alma tibia accendam,
na generosa augmentem, sacro fogo,
amor da independencia.

O facho que nos patrios montes fulge
da Beira, invicto empunha; e quaes as quinas
sacrosantas guiaram
os quarenta, na empreza gloriosa,
tal hoje elle defenda a patria amada
de fementidos Mouras.

Ao leal grito, oh povo, prompto acode,
co'o ferro armado; morre sim, mas livre;
teu uso antigo segue;
que perversa facção traidora tenta,
debaixo de mentidas, falsas fórmas,
roubar-te a liberdade.

Annexação, conquista o mesmo sôa;
palavra enganadora que só serves
para illudir incautos!
inventada por quem pretende, oh patria,
manchar a tua historia magestosa,
do mundo assombro e pasmo!

Do Herminio heroe, oh manes respeitados!
De Nuno, Sancho (1), e de Silveira, vinde (2);
vós em diversos tempos,
a patria libertastes das contrarias
hostes, hoje sereis o exemplo nosso
na porfiada lucta!

Animados por Deus, e por taes nomes,
não receâmos do leão as garras,
que traidores aguçam!

nosso pendão, que á gloria nos conduza,
serão os vossos bustos venerandos,
d'invasores temidos!

O portuguez honrado nome, e a gloria
nossa conservaremos; bem que falsos
amigos nos falleçam,
que esperam, mas debalde, á lethal sombra
da vil intriga, falsidade, engano,
para medrar, vendel-o!

E tu, joven, que o luso povo reges,
do nosso Portugal conserva antigas
tradições gloriosas,
d'Aljubarrota, do Canal(3), Bussaco
e de mil outros campos pavorosos,
saturados de sangue!

De Lysia, sem traição, o rei não póde
subir a alheio throno magestoso;
por teu povo odiado,
pelo outro não acceito, tua sorte,
talvez que dentro em pouco, tal seria,
d'um reino e d'outro expulso!

Ao rei cumpre do povo bellicoso,
com elle unido, as legiões adversas,
co'o fortissimo braço
arrostar, e livrando o patrio solo
d'estranho jugo, vencerá comtigo
ou morrerá constante!

Tu solta novo brado, vate illustre!
troem de Portugal nos mais remotos
campos, villas, cidades,
da liberdade os eccos clamorosos,
que tu, Hespanha e França já ouvistes,
do Tejo ao Bidassoa!

Portugal, patria nossa tão amada,
que primeiro sulcaste o mar profundo,
com tua aventurosa e forte armada,
mostrando ao mundo velho um novo mundo,
oh! patria gloriosa, celebrada
em deleitoso canto tão facundo,
qual o do grão poeta luzitano,
qual o teu contra o jugo castelhano!

Portugal, de preclaros heroes terra
illustre, eterna fama t'alcançaram
no remanso da paz, na dura guerra,
com que tanto, oh meu berço t'illustraram!
em ti ainda propicio fado encerra,
engenhos, braços que jamais cansaram,
defendendo constantes o teu nome
para que nunca audaz alguem te dome.

Tu, illustre Ribeiro, qual inspira
teu canto dado á patria sonoroso,
o coração do vate que te admira,
seu rude verso acolhe fervoroso;
não filho da lisonja ou da mentira,
mas só do sentimento generoso;

d'aquelle que teu canto n'alma gera,
precursora expressão e voz sincera.

Mas não basta com teu canoro canto
soprar nos corações a chamma ardente,
do puro amor da patria sacrosanto;
ouça o senado a tua voz potente!
a tua alta virtude cause espanto,
qual inclito varão independente,
sejas á patria sempre dedicado:
assim te cumpre, herminio deputado.

Dura mão do veloz tempo,
o genio escasso entorpece;
esquivo, já não inspira
a mente que desfallece.

No momento derradeiro,
só tu, cysne, feliz ave!
desprendes o flebil canto,
tão raro como suave!

Não longe da fria campa,
eu só posso ter alento,
para soltar roucas vozes
nascidas do sentimento.

A voz da patria, plangente,
em teu verso magestoso
repetida, hoje desperta
o meu estro lastimoso.

Lastimoso, sim, que choro
o patrio amor esquecido;
que perversos já preparam
fatal jugo aborrecido.

O poeta, que inspiraste,
ao regio templo da gloria
ir comtigo bem quizera,
e deixar igual memoria.

Mas oh não póde! teus passos
t'elevam ao sacro monte,
em quanto elle, mallogrado,
debalde os seus triste conte.

Embora, amigo, eu só quero
que o meu coração palpite
a par do teu, e constante
amor da patria os excite.

Quinta de Santo Antonio, Telheiras—Setembro, 1862.

—

II

A DESPEDIDA

PARTINDO PARA A ILHA DA MADEIRA

A 15 DE SETEMBRO DE 1864

Sulcando a tumida vaga
do agitado mar profundo,
os seus mysterios indaga
leve baixel vagabundo.

D'Henrique á voz, sabio e nobre!
de Zargo, audaz navegante,
a pericia te descobre
de gloria padrão constante.

Ilha alpestre afortunada (1),
tu os mares d'oriente
abriste, dita elevada
que só teve a luza gente.

Sê feliz, oh patria minha,
a tantos povos domaste;
por que te ficou, mesquinha,
só tão pouco do que herdaste?

Foi d'Hespanha o traiçoeiro
jugo, que venceu teus brios;
se livre, povo guerreiro,
não soffrêras taes desvios.

Tu, Camões, disseste outr'ora
que entre os mesmos portuguezes,
(e o mesmo acontece agora),
houve traidores ás vezes.

Assim, falsos e fingidos,
manchar querem tua gloria;
por ti, povo, conhecidos...
maldita a sua memoria.

Perfidos Mouras não faltam,
nem Vasconcellos traidores;
tua liberdade assaltam,
querem estranhos senhores.

O leão a garra aprompta
para rasgar o teu seio;
sua furia audaz affronta,
livre morre sem receio.

Elle dominar-te sonha;
inda é tempo; heroico povo,
não soffras esta vergonha,
e, qual foste, sê de novo.

Por ti Deus e nobres peitos;
mil brazões de liberdade
recordam teus claros feitos,
tua fé e lealdade.

Falsas vozes não escutes
das ibericas grandezas,
tua gloria não enlutes,
que a facção só quer riquezas.

No interesse os olhos fitos,
traição a mente lh'afaga;
a patria vendem precitos,
vis, cubiçando vil paga.

Em quanto elles sem cuidados
de que o povo chore e gema,
tripudiam bem forrados,
elle ser escravo tema.

Qual oasis no deserto,
no meio do pégo undoso
isolada, asylo certo
és do nauta receioso.

Escarpadas penedias,
teus valles, tuas campinas,
lá brotam todos os dias
novas rosas e boninas.

Tu és, sadia Madeira,
a mimosa flor dos mares,
esperança derradeira
de quem recorre a teus ares.

Da primavera florida
as aragens perfumadas,
renovam exhausta vida,
d'existencias desgraçadas.

Quantas vezes, dura sorte!
o pallido, exangue enfermo,
invoca a vida, acha a morte,
de seus dias final termo.

Assim tu, mãe desditosa (2),
raro exemplo de virtude,
perdeste a que, venturosa,
já gloria vã não illude.

Co'os espiritos celestes,
quão feliz e triumphante!
cá lhe consagram cyprestes,
lá t'espera radiante.

A tua dor acrysola
tua virtude, princeza;
caridade te consola
da lei de fatal dureza.

Ilha, para ti meus passos
dirijo, mas não confio,
que de meus dias escassos
se renove o debil fio.

Seja a cruz o meu amparo,
minha esperança fulgente;
de teu amor nunca avaro,
acode-me, Deus clemente.

Exhalado o ultimo alento,
minha alma para ti vôa.
Oh Deus! no fatal momento
tu a recebe, e perdôa.

Amigos, triste vos deixo;
o meu rosto orvalha o pranto;
adeus, debalde me queixo,
não muda a sorte meu canto.

A procella ruge e brama;
envolvido em denso fumo,
crepitando ardente chamma,
o barco segue o seu rumo.

Rapido vapor arfando
sobre as atlanticas aguas,
quanto veloz vaes voando,
tanto crescem minhas magoas.

O fulgente astro descerra
a neblina pardacenta (3),
todos admiram a terra
que a seus olhos s'apresenta.

O baixel o curvo dente
já crava em seguro porto;
alegre o nauta e contente,
gosa em fim doce conforto.

Bordo, 17 de setembro.

III

DISCURSOS

PROFERIDOS NA CAMARA DOS DIGNOS PARES

I

SESSÃO DE 23 DE FEVEREIRO DE 1863

POR OCCASIÃO DA RESPOSTA AO DISCURSO DA CORÔA (EXTRACTO)

...... Mr. de Varennes, no seu bem conhecido opusculo *A federação latina*, diz que em Hespanha ha um partido numeroso que pretende a annexação de Portugal áquelle reino debaixo do sceptro do senhor D. Luiz.

Estou persuadido que isto não é assim, e para o mostrar bastam as ovações que se fizeram a sua magestade catholica por occasião da sua viagem ás provincias; foram taes que sua magestade se congratulou no seu discurso da abertura do parlamento, pelas demonstrações de affecto que tinha recebido do povo hespanhol.

Á vista d'isto não é exacto o que diz mr. de Varennes, o qual continúa dizendo que esta idéa é partilhada em Hes-

panha por um grande numero de homens d'estado, e em Portugal quasi, não se atreveu a dizer, pela unanimidade dos portuguezes. Como portuguez, como membro do parlamento, cumpre-me n'este logar e n'esta occasião solemne, perante a camara e os illustres cavalheiros que me escutam, e perante a nação, que depois ha de ler o meu discurso, desmentir similhante asserção: é falso!

Se ha alguns portuguezes que tal pretendem, é como disse Camões:

«.....que tambem dos portuguezes
Alguns traidores houve algumas vezes.»

A nação portugueza não quer ser hespanhola, nem por conquista nem por annexação; mas quer viver em paz e harmonia com a Hespanha.

Tive muita satisfação em ouvir na outra camara o sr. Casal Ribeiro, e peço-lhe licença para mencionar o seu nome, a respeito d'este mesmo objecto de que estou tratando; e tanto mais que s. ex.ª não podia fallar em seu nome só, mas nos dos seus amigos politicos: e isto ainda mais desmente mr. de Varennes. Não, senhores, a nação portugueza não quer outra vez ser governada por Diogos Soares, Migueis de Vasconcellos, duque ou duqueza de Mantua, que seria o resultado da annexação ou conquista.

Alem de que o rei de Portugal não póde sem traição acceitar corôa alheia. Seria inaudito se tal se visse; confio que não se verá.

Que palavras assás fortes haveria para reprovar um acto similhante, commettido por um descendente do duque de Bragança, que deveu o throno á nação portugueza, á custa de tantos sacrificios e por tantos annos continuados?

Estas tradições não se esquecem nunca, são patrimonio de familia, e não ha de ser el-rei D. Luiz que em 1863 se esqueça de 1640! É justiça que eu faço ao caracter de sua magestade.

Já se devia reconhecer, sr. presidente, que a idéa de grandes imperios não se póde realisar, e que acabada a oppressão que os constituiu, tornam outra vez ao seu antigo estado.

Que foi feito do imperio de Alexandre? Foi dividido depois da sua morte pelos seus generaes. Do imperio romano? De Carlos Magno? De Napoleão I? A historia que responda.

Mas dir-se-ha que estes imperios eram formados de raças diversas, e agora o que se pretende é uma federação immensa formada pela raça latina, se é que se póde dar este nome a toda aquella de que se pretende formar a federação. Aindaque o seja, a sua origem já é tão remota, que os vinculos de raça não poderiam unir povos que sempre formaram reinos diversos e independentes.

II

SESSÃO DE 7 DE MAIO DE 1869

Nunca me achei, sr. presidente, n'esta camara em circumstancias mais difficeis, para desempenhar, como desejo, o meu dever.

A situação em que o paiz se acha é gravissima, cumpre comprehendel-a bem; pela minha parte entendo que nunca foi mais necessario do que actualmente, que todas as pessoas que por qualquer modo têem a mais pequena influencia

sobre a politica e a administração do estado se dediquem com o maior desvelo para resolver acertadamente as diversas questões que hão de chamar a vossa attenção.

A nossa situação é, porém, devida a diversas causas.

Nunca ministerio algum entrou para a administração publica em circumstancias mais criticas do que aquellas em que entrou o actual, que estou certo tem a melhor vontade de remediar os gravissimos males que estamos soffrendo, alguns d'elles resultado de circumstancias alheias ao nosso paiz, sobre as quaes os nossos homens d'estado não podiam ter acção alguma; não se podendo negar que o nosso estado financeiro é devido á imprudencia com que se despendiam os dinheiros publicos em muitas cousas inuteis, cousas que se podiam dispensar, e que só mais tarde poderiam ser attendidas; a esta imprudencia se deve a grande divida fluctuante, e o *deficit* com que luctâmos actualmente, que estou certo os srs. ministros actuaes têem a melhor vontade de attenuar e remediar: mas isto não basta.

É verdade que os srs. ministros têem feito grandes economias, as quaes em occasião opportuna examinaremos convenientemente; algumas haverá que não possam subsistir, outras que será necessario augmentar, emfim é necessario reformar tudo o mais economicamente que podér ser.

Em todo o caso é preciso um muito detido exame sobre essas medidas que o ministerio tem tomado. As grandes difficuldades em que o paiz se acha são devidas, disse eu, a muitas causas, algumas das quaes nos são alheias; mas outras são provenientes da maneira pouco cautelosa com que o paiz tem sido administrado, despendendo-se importantissimas sommas em despezas, muitas das quaes se podiam adiar para quando nos achassemos em melhores circumstancias.

Mas, sr. presidente, eu não pretendo analysar agora o passado; essa analyse tem sido feita pela nação, e d'ahi resultaram os acontecimentos que temos presenceado ha mais de um anno, e o receio justificado que tem o paiz de que venha a achar-se em circumstancias cada vez mais difficeis.

Sr. presidente, o ministerio tem feito muitas reformas, mas a primeira e a principal é a reforma parlamentar, poisque sem esta todas serão inuteis; porque embora se façam algumas importantes, o que não duvido, comtudo, sem a reforma parlamentar, dentro em pouco estaremos no mesmo estado ou peior do que aquelle em que estamos actualmente, a qual deve ser feita pela maneira que eu mais de uma vez tenho indicado.

Esta opinião não é nova em mim, é muito antiga, e por mais de uma vez tenho manifestado n'esta camara, que o primeiro passo que se deve dar é fazer esta reforma, porque d'ella dependem todas as outras.

Eu tenho presente um documento muito importante, authentico, a que me vou referir, que demonstra claramente que esta minha opinião é conforme com a dos illustres signatarios do mesmo documento.

Refiro-me ao programma do centro eleitoral do Porto, assignado pelo sr. conde de Samodães, como um dos seus presidentes, datado de 10 de fevereiro do anno proximo findo, no qual, reconhecendo a urgente necessidade de organisar o paiz, diz o seguinte, depois de ter dito que «é necessario combinar a economia com o augmento dos impostos»:

«O primeiro passo a dar no caminho das economias é acabar com todos os empregos nominaes, commissões desnecessarias, vencimentos excessivos e ostentações estereis,

simplificando e descentralisando os serviços, supprimindo as inutilidades.»

Agora, pergunto até que ponto se tem feito esta descentralisação? A descentralisação entendo eu que é o primeiro passo a dar para o paiz poder ser economicamente organisado e administrado. Sem ella nada se poderá fazer; estou convencido que o conselho d'estado e o tribunal do contencioso administrativo, que são muito dispendiosos, se poderão reformar de uma maneira muito mais economica do que actualmente, porque muitos negocios, que hoje dependem d'este conselho e do tribunal, por uma descentralisação profunda ha de evitar-se que lá vão, e por consequencia este tribunal e o conselho poderão ser organisados com muito menos despeza do que aquella que actualmente fazem.

É necessario que nos convençamos, que só por um systema de reformas em que todos os serviços publicos sejam convenientemente organisados, é que se poderá obter a maior economia na administração do estado, e só pela descentralisação é que se alcançará este resultado.

Sr. presidente, agora que fallei no conselho d'estado administrativo, conceda-me a camara licença para dizer algumas palavras a respeito do conselho d'estado politico.

Este conselho deve ser organisado como o *privy council* da Inglaterra, que é gratuito, sem numero fixo de conselheiros, como a camara sabe; alem da economia que resulta d'este organisação, dá-se a grande conveniencia de poder o rei escolher pessoas da sua confiança, com quem se possa aconselhar, poisque se póde dar a circumstancia de que, sendo o numero tão limitado, como é actualmente o nosso, o rei poderá não achar dentro d'este numero pessoas da sua confiança.

É preciso, sr. presidente, que nós reconheçamos que as

nossas circumstancias são especialissimas; que é necessario que a organisação de todo este corpo social seja estudada de tal maneira, que o paiz sem a sua ruina possa pagar as contribuições necessarias para a sua conservação.

Depois das reformas que referi, continúa ainda o programma de 10 de fevereiro de 1868, assignado pelos srs. conde de Samodães e Faria Guimarães, como presidentes, Raymundo Joaquim Martins e Eugenio Ferreira Pinto Bastos, vice-presidentes, e Delphim Maria de Oliveira Maia e Antonio Ribeiro da Costa e Almeida, secretarios, dizendo: «O paiz reclama outras reformas que parecem menos instantes, mas não são de menor alcance».

Entre estas inclue o programma a reforma parlamentar, que deve ser a primeira, por ser a base de todas ellas. Esta é a minha convicção.

Diz mais o programma: «Alargar os circulos eleitoraes de fórma que o numero dos deputados diminua um terço, e introduzir na lei eleitoral as incompatibilidades necessarias para dar á camara popular toda a independencia de que ella carece, e por outro lado reformar para o mesmo fim a camara alta, sem offensa da constituição, mas em harmonia com o estado actual da sociedade portugueza, os exemplos das nações cultas e as lições da experiencia, são principios da escola progressista moderada, e necessidades geralmente conhecidas».

Á vista d'estas palavras, pergunto eu agora — quanto a incompatibilidades parlamentares o que se fez na lei eleitoral? Nada. Só se alargaram os circulos, o que era uma grande necessidade, porque, como antigamente, cada deputado pretendia augmentar a despeza publica para os melhoramentos dos seus circulos, e acontecia que os orçamentos, quando

saiam da camara vinham sempre muito mais dispendiosos em muitos contos de réis do que quando tinham sido apresentados pelo governo; como cada deputado quizesse que lhe approvassem as suas propostas de despeza, approvava todas as que os outros propunham, e o governo que queria os votos de todos, approvava todas as despezas. Isto já eu aqui mostrei, apresentando a estatistica de muitos annos em que o orçamento saía da camara electiva muito mais dispendioso do que entrára; e se em dois annos não aconteceu isto, foi porque não se discutiu o orçamento(!)!

Sinto não ter agora á mão estes dados estatisticos para novamente os ler á camara.

Ora isto é que era preciso que acabasse; mas sem as incompatibilidades parlamentares não se tira da diminuição dos circulos a utilidade que aliás se tiraria, porque tem o inconveniente de que sendo menor o numero dos deputados, o governo maior acção tem sobre as eleições, podendo alem d'isso empregal-os e dar-lhes commissões.

O programma eleitoral assignado pelo sr. conde de Samodães, em geral, merece ser approvado, e só sinto que o ministerio não o tenha seguido.

Sr. presidente, eu desejava ver uma homogeneidade de opiniões entre o governo todo, porque a opinião do sr. conde de Samodães é que as incompatibilidades são necessarias para a independencia das camaras; mas ao mesmo tempo o governo nada fez a este respeito, e limitou-se apenas a alargar os circulos. É necessario, sr. presidente, que os homens que estão á frente dos negocios publicos sejam homogeneos nas suas opiniões, para que sigam os mesmos principios, obtendo assim a confiança do paiz, pois de outra maneira não se poderão conseguir resultados proficuos.

Eu desejava que isto assim acontecesse. Algumas medidas tomadas pelo governo, hei de eu approvar; entretanto faltam outras que julgo indispensaveis, e que deviam ter sido apresentadas. E apesar do respeito que tenho pelos srs. ministros, s. ex.as não podem exigir de mim que eu abandone as minhas convicções, e que prescinda d'ellas, contentando-me apenas com as medidas apresentadas, quando não satisfazem ao que julgo indispensavel.

Sr., presidente, ha um facto que eu não vejo mencionado no discurso da corôa, e que pela sua importancia eu desejava que o fosse.

Um partido importante e numeroso em Hespanha, entendeu, fazendo justiça ás virtudes de sua magestade o senhor D. Fernando, que conviria eleval-o ao throno hespanhol. Este partido, attendendo ás qualidades de sua magestade, e ás circumstancias politicas que depois se podiam dar para a reunião de ambos os paizes, desejava que sua magestade fosse elevado áquelle throno. Sua magestade, porém, entendeu, e entendeu muito bem, que para evitar complicações, que talvez se dessem depois que fosse eleito, convinha declarar, postoque profundamente reconhecido pela escolha que d'elle queriam fazer, que não acceitaria aquella corôa. O senhor D. Fernando deu assim uma grande prova de magnanimidade, e por esta declaração adquiriu muito maior direito ao amor e gratidão do povo portuguez, e toda a nação lhe deve ficar muito agradecida por ter dado um testemunho tão authentico de não querer perder a nacionalidade d'este paiz. Eu pela minha parte acho que este acto do senhor D. Fernando é de tal natureza, e lhe faz tanta honra, que era conveniente que o discurso da corôa mencionasse esta circumstancia, que nada mais era do que reconhecer as

virtudes de sua magestade e o amor que elle tem á nação portugueza.

Sr. presidente, n'esta solemne occasião não posso deixar de me referir com a maior satisfação ao sentimento que dictou a allocução dirigida a sua magestade el-rei o senhor D. Luiz I por esta camara no dia 29 de abril, anniversario da outorga da carta constitucional, que peço licença para ler:

«Senhor. — A camara dos pares, reconhecendo em vossa magestade, não só o herdeiro do throno de seu augusto avô, mas tambem o da sua sabedoria e virtudes, está certa que vossa magestade, tomando sempre por base a carta constitucional, lhe saberá dar todo o desenvolvimento que o progresso e a civilisação for exigindo, podendo vossa magestade, para este grande fim, assim como para o da *conservação da independencia d'esta monarchia de oito seculos de existencia*, contar com a tão fiel como energica cooperação da camara dos pares, natural e zelosa mantenedora da ordem, da liberdade e da completa independencia nacional.»

Sr. presidente, eu enchi-me de satisfação e regosijo por ver estas palavras na allocução dirigida por esta camara a sua magestade, e não menor satisfação me causou a sua resposta:

«O desenvolvimento dos principios estabelecidos na carta constitucional, regulado em justa correspondencia com as necessidades progressivas da civilisação, a igualdade nas leis e na execução d'ellas, e sobretudo o supremo interesse da conservação da completa independencia d'esta monarchia é, tem sido sempre, o mais caro objecto dos meus cuidados de rei constitucional e filho d'esta nobre terra de Portugal. Reconhece-o a camara, nas expressões que acaba de me dirigir, e que tão gratamente soaram aos meus ouvidos.»

Eu nunca duvidei, sr. presidente, de que estes fossem os sentimentos de Sua Magestade, e que nunca se esquecerá de que é portuguez e neto de el-rei D. João IV; entretanto exultei sobremodo de os ver manifestados em um documento de tanta importancia.

Sinto muito não ver presente o sr. ministro da marinha, porque tenho de referir-me a s. ex.ª, para notar a differença das suas opiniões sobre o gravissimo assumpto da independencia nacional, que estão inteiramente em opposição ás d'esta camara e de sua magestade.

Sobre um objecto de tanta importancia não posso deixar de fazer alguns reparos.

O sr. ministro em um prologo para a traducção da memoria do sr. D. Sinibaldo Mas, *A Iberia,* diz o seguinte:

«A peninsula iberica, que já formou uma só nação pela conquista, poderá, deverá ser um só paiz pela fusão espontanea. O que os reis wisigodos não poderam fadar que vivesse até hoje, o que os arabes conseguiram momentaneamente, o que a espada victoriosa do duque de Alba e do marquez de Santa Cruz», e os traidores, devia acrescentar s. ex.ª, «só pôde fundar por sessenta annos, a politica pede que o fundemos para sempre.»

Foi isto que o sr. ministro da marinha escreveu. É verdade que se póde dizer que era esta a opinião de s. ex.ª n'aquella epocha; mas em tal caso mudou o sr. ministro de opinião? Não sei como se possa mudar de idéas em tão pouco tempo, em assumpto tão importante como este.

Eu não tenho indisposição contra s. ex.ª, nem contra pessoa alguma, mas hei de avaliar as cousas como as entendo.

O sr. *marquez de Vallada:* — O digno par tem a bondade de me dizer quem é o auctor do trecho que leu?

O *Orador:* — É o sr. Latino Coelho, no prologo que escreveu para a traducção da memoria *A Iberia,* do sr. D. Sinibaldo Mas; pelo menos é o que vejo impresso.

Á vista das opiniões do sr. ministro, e manifestadas em contradicção ás d'esta camara e ás palavras de sua magestade, que tudo acabei de ler, como é que s. ex.ª póde continuar a occupar aquelle logar?!

Mas, sr. presidente, não se limitou s. ex.ª ás palavras que referi; mais abaixo diz o seguinte:

«Portugal exhauriu-se de forças. Precisa que lhe injectem sangue novo. No seu solo cresceu, enramou tão vivaz, tão luxuriante a arvore da heroicidade, que o torrão esterilisado só póde brotar hervas inuteis e damninhas. É preciso que um arado robusto o sulque profundamente e que um amanho carinhoso lhe restitua de novo a antiga fertilidade.»

O sr. ministro escreveu estas palavras «o seu solo só póde brotar hervas inuteis e damninhas».

No estylo figurado de s. ex.ª, estas hervas inuteis e damninhas, não podem ser senão os portuguezes, pelo menos não sei que outro sentido possa ter a figura de que s. ex.ª se serviu. Em tal caso eu pediria ao sr. ministro, se estivesse presente, que me explicasse desde quando é que o paiz só tem brotado essas plantas inuteis e damninhas? Nós vemos que em todos os partidos tem havido homens notaveis, militar e politicamedte considerados, e de muita honra. Temos muitos illustres magistrados e membros do parlamento, e as nossas escolas estão e têem estado cheias de mocidade talentosa, de que têem saído muitos homens distinctos e illustres nas sciencias. Quantos homens notaveis em artes, sciencias, na magistratura e nas letras tem produzido o nosso paiz? Têem sido muitos, e todavia, segundo a opinião do sr. ministro da

marinha, exarada n'este documento, esses homens têem sido outras tantas plantas inuteis e damninhas!

Eu fallo com toda a franqueza, não estava preparado para iniciar uma discussão a este respeito, mas não pude deixar de o fazer por ser propria a occasião.

Quando o sr. Latino Coelho foi nomeado ministro da marinha, era occasião propria para fazer estas reflexões, mas não as fiz porque n'aquella occasião ainda não tinha conhecimento do celebre prologo, escripto por s. ex.ª Aproveitei, pois, este ensejo para demonstrar á camara a differença e contradicção que existe entre a opinião do sr. ministro da marinha, escripta n'este documento, e a doutrina da allocução da camara dirigida a sua magestade e a sua resposta.

Sr. presidente, a nação portugueza geralmente, e só com muito pequenas excepções, conserva um grande amor á sua nacionalidade; vemos isso pelo que se tem publicado, pelas manifestações e discursos proferidos nas associações e até mesmo fóra do paiz, como está succedendo no Brazil, aonde se tem mostrado este sentimento nacional pelas subscripções feitas para a compra de armamentos para a defeza do paiz. Tudo isto claramente mostra que o sentimento da independencia nacional está gravado no coração de todos os portuguezes, apesar de muitos residirem ha bastantes annos longe da patria.

Á vista d'isto posso invocar este sentimento de independencia nacional, que longe de estar morto entre nós, cada vez mais se arreiga no coração de todos os portuguezes.

Tem-se dito, sr. presidente, que as expressões patrioticas e o que se tem escripto a respeito da independencia do paiz, podem offender a susceptibilidade da nação hespanhola; mas uma nação que tem os campos de Baylen, que tem Casta-

ños, que tem Saragoça e Palafox, e muitos illustres defensores da sua independencia; que tem o dia 2 de maio de 1808, cujo anniversario ainda hoje é celebrado com todo o enthusiasmo, dia em que milhares de cidadãos de Madrid, commandados pelo illustre Vellarde, morreram combatendo contra o exercito francez, imitando assim os trezentos espartanos commandados por Leonidas; a nação hespanhola, digo, não se póde susceptibilisar pela manifestação dos sentimentos patrioticos dos portuguezes, que nada mais fazem do que seguir os exemplos dos seus heroicos vizinhos.

Sr. presidente, se as expressões de patriotismo que soam agora n'esta camara, e espero que não será a ultima vez que soem, e que outras vozes as soltarão em occasiões opportunas, podem susceptibilisar os nossos vizinhos, como é que as opiniões tão conhecidas do sr. ministro da marinha não podem susceptibilisar todos os portuguezes que têem no coração o amor da patria? (O sr. *marquez de Vallada:* — Apoiado, apoiado.)

Sr. presidente, tenho sido mais longo do que queria e do que me permitte o meu padecimento do peito, que me impede de fazer longos discursos.

Vou pois terminar, mas antes direi ainda que noto no discurso da corôa uma falta que se torna muito sensivel, e é ser pouco explicito. Desejava que fosse mais claro em certos periodos.

Conformo-me em geral com o projecto de resposta, e sobretudo com o seguinte paragrapho:

«A camara apreciou devidamente a declaração que vossa magestade se dignou fazer, de que as relações de amisade do seu governo com as potencias estrangeiras continuam inal-

teraveis, e de que o governo de sua magestade, despreoccupado de complicações externas, poderá dedicar todos os seus esforços aos melhoramentos do paiz e a fortalecer a nação na sua independencia e prosperidade.»

A camara, approvando este paragrapho, como espero que approvará, sancciona a expressão dos sentimentos de amor da patria e da independencia nacional que estão no coração de todos.

....

Eu sinto na realidade que haja uma tão notavel e profunda divergencia entre mim e o sr. ministro (da fazenda) que acabou de fallar.

O sr. ministro disse que no discurso da corôa não se tinha alludido á reforma parlamentar, porque a sessão legislativa não póde ser extensa.

Ora, sr. presidente, quanto a mim entendo que a rasão não satisfaz, porque effectivamente não vejo cousa de maior urgencia, e esta é causa da minha divergencia do governo. A primeira de todas as reformas devia ser a reforma parlamentar, e particularmente com relação a esta camara eu entendo que a reforma lhe deve assegurar a maior independencia, sendo os seus membros eleitos como acontece na Belgica, differindo dos membros da outra camara só na idade e fortuna. É necessario que, tanto n'uma como n'outra camara, aquelles que forem empregados, sendo eleitos deixem de exercer os seus empregos durante a legislatura e mais um anno; querendo-se que os membros d'esta camara sejam vitalicios e não electivos, para conservar a sua independencia, é necessario que não possam ser empregados, e que se lhes não dêem commissões rendosas nem lhes concedam honras: mas isto é impossivel que se possa exigir de qualquer

pessoa, membro da camara alta, por toda a sua vida. O que se póde porém exigir é que durante o tempo da legislatura e mais um anno depois não exerçam empregos nem qualquer commissão retribuida. Este é o modo como eu entendo que o parlamento deve ser reformado, o contrario não é reforma parlamentar, e continuará a mesma dependencia das camaras do governo. A Belgica, que é o paiz mais bem administrado, tem o seu parlamento constituido d'este modo.

Quanto á descentralisação tambem entendo que deve ter a maior latitude que seja possivel, estabelecendo-se nos diversos municipios um conselho municipal electivo para que auctorise as despezas e obras publicas do municipio, assim como os impostos necessarios, porque entendo que todas as despezas municipaes, e os emprestimos para a construcção de estradas devem ser approvadas por um conselho municipal d'esta natureza.

Sr. presidente, eu sinto que a resposta que o sr. ministro da fazenda teve a bondade de me dar em defeza do seu collega da marinha se limitasse a dizer que foi no verdor dos annos que elle escreveu o que eu acabei ha pouco de ler á camara. Pois um homem que é chamado para ministro da corôa, e só ha poucos annos tinha aquellas opiniões, póde dizer-se que estava no verdor dos annos? A sua opinião particular podia ser esta ou aquella, mas a sua opinião como homem do governo deve ser conforme com a opinião do paiz, do parlamento e do rei.

Disse tambem s. ex.ª que «os rapazes são republicanos», mas eu não vejo que os vão buscar para ministros; uma cousa é a opinião do homem particular, outra é a de um ministro d'estado, que está sujeito a que d'ella se tirem os corollarios que naturalmente se deduzem.

III

SESSÃO DE 21 DE MAIO DE 1869

POR OCCASIÃO DA INTERPELLAÇÃO DO DIGNO PAR O SR. CASAL RIBEIRO, SOBRE A MANEIRA POR QUE SE PARTICIPOU PARA HESPANHA QUE S. M. O SENHOR D. FERNANDO NÃO ACCEITARIA A COROA D'AQUELLE REINO

Sr. presidente, só direi poucas palavras sobre a presente discussão, porque me acho bastantemente incommodado.

Não posso, porém, deixar de dizer alguma cousa sobre o presente assumpto, porque fui eu quem na sessão em que se discutiu a resposta ao discurso da corôa, alludi ao prologo escripto pelo sr. ministro da marinha, para a traducção da memoria do sr. D. Sinibaldo Mas, *A Iberia,* e mostrei a contradicção entre as opiniões do sr. ministro da marinha, e a doutrina exarada na allocução dirigida por esta camara a sua magestade no dia 29 de abril, e a resposta do mesmo augusto senhor, contradicção esta que não permitte a presença de s. ex.ª nos conselhos da corôa.

O sr. ministro acaba de desculpar-se com a sua pouca idade, quando escrevêra o prologo alludido, e que era mais uma obra philosophica e litteraria, do que um folheto para servir de propaganda immediata, e que eram já decorridos dezesete annos depois que o escrevêra.

Mas a obra de s. ex.ª, embora de um mancebo, não é só uma obra litteraria e philosophica para realisar no futuro uma idéa grandiosa. Eu vejo n'este documento um periodo no qual s. ex.ª diz, depois de outras palavras elegantes:

«O que a espada victoriosa do duque de Alba e do marquez de Santa Cruz só pôde fundar por sessenta annos, a politica pede que o fundemos para sempre.» Á vista d'estas palavras não se póde entender senão que o *fundemos nós* e não os vindouros.

Se s. ex.ª ainda conserva esta mesma opinião, não sei eu; só sei que depois da opinião de s. ex.ª assim manifestada, ainda não vi outro documento pelo qual se possa conhecer que s. ex.ª mudou de opinião.

O sr. *ministro da marinha:*—Não está assignado por mim.

O *orador:*—Perdoe v. ex.ª, mas os ministros devem ser chamados ao poder pelas opiniões que professam e têem manifestado...

O sr. *ministro da marinha:*—Mas em que documentos encontra v. ex.ª a affirmativa?

O *orador:*—Encontro a affirmativa no prologo da obra do sr. D. Sinibaldo!

O sr. *ministro da marinha:*—Eu não o assignei; mas, repito, onde é que v. ex.ª encontra a affirmativa?

O *orador:*—Aonde encontro a affirmativa? no proprio facto de não ser desmentida essa opinião por v. ex.ª

O sr. *ministro da marinha:*—Mas assim como v. ex.ª admitte como authentica a opinião exarada n'esse prologo, embora anonymo, porque não ha de admittir que eu tenha expendido tambem anonymas as explicações e commentarios d'essa idéa?

O *orador:*—Desejo muito que v. ex.ª responda ás minhas observações, mas depois de eu terminar, e que me não interrompa. Proseguindo, portanto, nas minhas reflexões, e respondendo ás interrupções de s. ex.ª direi, que não sei que o prologo a que me tenho referido esteja assi-

gnado e reconhecido por tabellião com todas as formalidades prescriptas; mas sei que no proprio livro se diz que a memoria é precedida de um prologo do sr. Latino Coelho.

O sr. *ministro da marinha:* — Mas onde é que isso está?

O *orador:* — Ha de permittir-me o sr. ministro que lhe observe que essa coarctada é impropria, e que não devia recorrer a ella uma pessoa de tanto saber e intelligencia como v. ex.ª Nós, sr. presidente, não temos nada com as opiniões pessoaes; mas quando um homem que tem manifestado certas opiniões, e as tem publicado pela imprensa, se acha á frente dos negocios publicos, não se póde escandalisar que lhe tomem conta d'essas opiniões (O sr. *ministro da marinha:* — Não me importa). S. ex.ª disse que era uma obra philosophica, mas eu peço licença para repetir o trecho do prologo da memoria sobre a *Iberia*, que a precede, e veremos como s. ex.ª encarou este systema philosophico. Diz s. ex.: «O que a espada victoriosa do duque de Alba e do marquez de Santa Cruz só pôde fundar por sessenta annos, a politica pede que o fundemos para sempre».

O que s. ex.ª diz agora, é que a sua idéa quando escreveu aquelle prologo, era que a união de Portugal com a Hespanha só se realisasse para o futuro; mas então o que querem dizer as palavras *a politica pede que o fundemos para sempre?* Ou eu não entendo as palavras e phrases portuguezas, ou esta phrase quer dizer *desde já;* quanto mais depressa melhor. Como é então que o systema de s. ex.ª é só para se realisar para o futuro?

Alem d'isto diz s. ex.ª mais abaixo: «Portugal precisa que lhe injectem sangue novo. No seu solo cresceu, enramou tão vivaz, tão luxuriante a arvore da heroicidade, que

o torrão esterilisado só póde brotar hervas inuteis e damninhas, etc.»

Será tambem um systema philosophico depreciar com um traço de penna todas aquellas pessoas que nasceram em Portugal, que o estão ennobrecendo pela sua intelligencia, pelos seus serviços e mesmo pelas suas virtudes?

Ora, sr. presidente, só com muito pouca idade é que se podia escrever similhante cousa; mas depois do homem feito, é necessario que pelos seus escriptos se mostre arrependido do que disse, e que faça justiça aos seus concidadãos; mas quando o não tenha feito, e for chamado para occupar logares tão eminentes como aquelle que s. ex.ª actualmente occupa, cumpre que se lhe peçam contas das suas opiniões. É preciso ter muita paciencia para poder ler as palavras que ultimamente referi. S. ex.ª, lente da escola polytechnica, e rodeado de mancebos illustrados e talentosos, entende que elles tambem são hervas inuteis e damninhas, só porque nasceram portuguezes!! S. ex.ª não póde escandalisar-se que lhe avaliem as suas opiniões, quando ainda não deu provas de as ter mudado; agora, porém, diz, quanto ao prologo, que é um trabalho litterario e philosophico, para mostrar as vantagens da união de dois povos, sem que seja para se realisar immediatamente!

Concluirei dizendo, que me permitta o sr. ministro que eu lhe diga, que as suas explicações me não satisfizeram.

NOTAS

Nota (1) a pag. 112

Viriato, o condestavel D. Nuno Alvares Pereira, D. Sancho Manuel de Vilhena, primeiro conde de Villa Flor, Francisco da Silveira Pinto da Fonseca, primeiro conde de Amarante.

A intenção do auctor foi personalisar cada epocha desde as mais remotas, em que este paiz combateu pela sua independencia até 1815, lembrando os nomes dos capitães mais notaveis, que se consagraram á defeza da patria, e pugnaram á custa dos maiores sacrificios pela sua autonomia, sem a qual a liberdade civil não póde existir e conservar-se.

Nota (2) a pag. 112

Em 1801, por occasião da nossa guerra contra a França e Hespanha, levàntou Silveira um corpo de voluntarios, que não chegou a operar, por se haver concluido a paz de Badajoz. Foi por tal serviço feito sargento mór do regimento n.º 6 de cavallaria, onde era capitão. Era tenente coronel do mesmo corpo, quando os francezes vierem a Portugal, em 1807. Foi mandado marchar da provincia do norte, com outros corpos, a fim de guarnecer as costas do sul!

A sua marcha, porém, não progrediu, ficando em Aveiro, d'onde foi chamado pelo Junot, para assistir á reducção dos regimentos de cavallaria n.os 6, 9, 11 e 12, feita em Coimbra. Silveira pede a sua demissão, e parte para o Porto, a fim de fugir para a esquadra ingleza, e d'ahi para o Brazil. Não o fez assim, retirando-se para a sua casa de Villa Real, saíndo d'ali pouco depois a proclamar os direitos do Prin-

cipe regente, passo que dera espontaneamente e com grande risco. Reuniu officiaes, soldados, etc., tornando-se um dos primeiros sustentaculos da restauração. Foi por isso promovido a coronel pela suprema junta do Porto em julho de 1808. Marchou sobre Lisboa, commandando a vanguarda do exercito de Bernardim Freire, e foi feito brigadeiro e logo governador das armas de Traz os Montes, em fevereiro de 1809. Um mez depois chegava Soult com 25:000 homens. Silveira impede-lhe a entrada por algum tempo e retira depois para Villa Pouca. Soult entra em Braga, e Silveira ataca e toma Chaves a 20 de março, isto é, no mesmo dia, matando 300 inimigos e aprisionando 200. Os inimigos retiraram para o forte de S. Francisco, onde capitularam a 25. Eram 870, como diz Silveira na sua participação de Chaves em 25 de março. No diario de Silveira diz-se 25 officiaes, 23 empregados, 13 cirurgiões e 270 soldados.

Silveira tinha-se opposto a que se defendesse Chaves, mas não foi attendido. A final Soult entrou sem resistencia. Soult offerece a Silveira o commando da provincia, reconhecendo elle a Napoleão, o que foi rejeitado. Tencionando surprehender Braga a 2 de abril, mas sabendo que o Porto havia cedido, marchou em direitura a Villa Real. Em 10 as suas avançadas estavam em Villa Meã, a 14 em Paredes; a 15 appareceu o inimigo em grande força e houve um combate de algumas horas. A 16 todo o exercito inimigo em Villa Meã, fogo todo o dia; 4:000 homens inimigos passam de Braga a Guimarães para atacar Silveira pela retaguarda. Silveira retira sobre Amarante. O inimigo tenta por tres vezes passar a ponte, mas é repellido com grande perda, e, desesperado, lança fogo á villa. O combate durou todo o dia até ás oito da noite com grande força. A 19 renovou-se o ataque, que durou todo o dia, sem resultado favoravel para os francezes, e isto apesar de terem sido reforçados pelo general La Hussays com duas brigadas. Desde 20 até 29 continuou o fogo cada vez mais intenso. A 30 diminuiu. No dia 1 de maio chegou reforço ao inimigo. No dia 2 uma grossa nevoa permittiu que o inimigo chegasse á trincheira da ponte e lhe applicasse alguns barris de polvora, entrando depois alguns d'aquelles, *guiados por traidores portuguezes*, para surprehender as nossas baterias da ponte. Silveira retira para Mesão Frio e Campeã. A defeza da ponte de Amarante é elogiada pelos proprios inimigos, e está dito tudo em louvor da bravura e intelligencia de Silveira.

Até 21 de maio continua Silveira em operações mais ou menos importantes contra o inimigo, até ser finalmente expulso de Portugal. A força de Silveira era 12 e 14 de infanteria, cinco regimentos de milicias, 50 cavallos e alguma artilheria; 5:000 homens approximadamente. Soult chegou a ter 12:000 homens defronte de Silveira em Amarante, onde este teria ali pouco mais de 2:000.

Durante a invasão de Massena continua Silveira prestando relevantes serviços. Foi elle quem victoriosamente se estreára n'aquella campanha, aprisionando em Parba (Hespanha), onde o fôra atacar, um batalhão inteiro de suissos, com a força de 500 homens. «Mais ou menos 500 soldados em nossas fileiras pouco importava (diz a duqueza de Abrantes); mas o effeito moral de similhante revez era immenso, assim contra nós como em favor do inimigo». Silveira commandou depois uma divisão portugueza no exercito anglo-luso, até que no combate de Pamplona, em julho de 1813, tomado de profundo desgosto, ao ver que seus serviços, longe de serem galardoados, como mereciam, se occultavam adrede, a fim de fazer sobresair os das tropas inglezas, deixou o commando da divisão, que foi dado ao general Lecor, e se retirou para Portugal. O facto dera-se resumidamente por este modo: Constou a Silveira, pelos seus espias, que os francezes se preparavam para forçar a nossa linha, e soccorrer Pamplona, prestes a render-se, por falta de viveres. Participa-o immediatamente ao general Stuart, commandante do respectivo corpo de exercito; mas este ri-se e despreza o aviso. Apesar d'isto o conde de Amarante previne-se, dispondo acertadamente da sua divisão para repellir o ataque. Este realisa-se com effeito, simultaneamente pelos dois pontos de Roncesvalles e da Maia; os inglezes surprehendidos debandam, e vem formar á retaguarda da tropa portugueza, a qual ao mesmo tempo lhes dá refugio e repulsa o inimigo. Publica-se depois a participação official de Stuart, e nem ali se menciona o desastre dos inglezes, nem o prestante serviço dos nossos!!

CASCAES.

Nota (3) a pag. 143

«Canal, assim chamada tambem a batalha memoravel que o nosso exercito, commandado por D. Sancho Manuel, primeiro conde de Villa Flor, ganhou contra os castelhanos, commandados por D. João d'Austria, no dia 8 de junho de 1663, a qual batalha é mais conhecida pelo nome do—Ameixial.»

Nota á ode 12.ª de Antonio Diniz da Cruz (tomo v, edição de 1815), a Pedro Jacques de Magalhães, primeiro visconde de Fonte Aacada, em que, referindo-se a esta batalha, de que saíu ferido, tendo tomado n'ella uma parte importante, diz o seguinte:

Do Canal triumphante,
serão talvez as asperas collinas
onde o varão prestante,
um diluvio derrama de ruinas?
onde co'o sangue seu cheio de gloria,
as palmas regou da immortal victoria?

Nota (1) a pag. 117

Não se podem fixadamente marcar os annos em que Machim veio á ilha da Madeira, e em que se descobriu a de Porto Santo; igualmente diversificam as narrações dos factos anteriores á segunda chegada de Zargo á ilha; pois não havendo quem logo escrevesse sobre esta materia, chegaram as tradições alteradas e corrompidas aos historiadores, que depois fizeram memoria d'estes descobrimentos acontecidos nos tempos em que Portugal, com o resto da Europa, jazia n'uma perfeita falta de escriptores.

Assim, em resultado do que tenho lido em Goes, Barros, o conego Leite, o dr. Fructuoso, o padre Cordeiro, D. Francisco Manuel, Manuel Thomaz e outros anonymos, e alguns manuscriptos sobre estas drimeiras jornadas, seguirei o que me parecer mais plausivel e coherente, pois não ha documentos em que me segure nas suas contradicções.

Pelos annos de 1400, prendeu amor os corações de Roberto Machim e de Anna d'Arfet, naturaes de Londres, e querendo os paes d'esta desvial-a d'aquella paixão, porque era Machim de menor condição, mandaram Arfet para Bristol para casa de uns parentes, e outros dizem que n'esta cidade a casaram.

De uma ou outra sorte, Machim a seguiu e persuadiu a fugir com elle para França, onde verificariam o consorcio que se tinha promettido. Com effeito, fretado ou surprehendido um navio, embarcaram com alguns amigos e creados, suppondo que facilmente atinariam com algum porto de França, que lhes era vizinho.

Porém ventos fortes, a que a sua impericia não pôde resistir, os impelliram para o desconhecido e largo mar, por onde correram, incertos, muitos dias, sem saberem onde estavam, ou para onde íam, até que uma manhã viram terra, á qual trabalharam por approximarse. Lançaram emfim ferro em uma enseada, que entre muitos rochedos se lhes apresentou mais branda, sendo provavel que o seu baixel tambem usasse de remos.

Desembarcaram e acharam uma terra deserta e fresca, tão farta de arvoredo, que com muita difficuldade a penetravam, havendo algum pequeno espaço livre, e caçando muitas aves das que sem numero havia; commiserados da fraqueza de Arfet, e para mitigarem a propria fadiga, se resolveram descansar ali alguns dias, fazendo para isso choças dos ramos das arvores.

Na terceira noite um vento violento, que se levantou por cima da ilha, fez garrar o navio, que sem poder capear se alongou da terra, que mais não pôde tomar, de sorte que na manhã tinha desapparecido.

ficando na praia a lancha, e Machim, Arfet e alguns outros companheiros, tão consternados com o sobresalto, que Arfet perdeu a voz e e o tino, e pouco depois a vida

Machim a fez enterrar ao pé de um cedro de espantosa grossura, em cujo tronco, se diz, gravára o seu desastroso fim, e d'ahi a tres dias Machim falleceu nos braços de seus companheiros, tão consternados com esta occorrencia, que na mesma cova o sepultaram; finalisando a inscripção com esta nova catastrophe. Os infelizes que lhe sobreviveram, metteram-se na lancha, e entregando-se ás ondas, conta-se que tambem foram parar á costa de Africa.

Estou persuadido que este successo foi transmittido pelos ultimos inglezes, pois não ha certeza de se acharem letras no cedro, mas só uma cruz da mesma madeira pregada n'elle e os ossos dos dois amantes sotterrados ao pé; e hoje o altar da igreja da misericordia de Machico é levantado sobre aquelle tronco, e ahi se conserva ao pé da cruz.

Levado do vento e desconhecendo o seu destino, o navio aportou na costa de Africa, onde tendo os inglezes desembarcado, famintos e trabalhados, logo foram captivados e levados ás masmorras de Marrocos.

Por aquelles tempos morreu D. Sancho, mestre da ordem de Calatrava, deixando um legado para serem remidos os captivos da sua nação, em virtude do que foi resgatado João de Morales, ou de Amores, piloto castelhano, que muitos annos ahi estivera captivo.

Este, do que lhe contaram os infelizes inglezes, tinha feito suas memorias e arrumação da terra onde diziam terem aportado.

O navio que o transportava foi apresado por João Gonçalves Zargo, cavalleiro da casa do infante D. Henrique, que cruzando sobre as costas do Algarve contra os hespanhoes e mouros, commandava uma pequena esquadra, sobre a qual se diz fora elle quem primeiro no mar montou artilheria, o qual foi armado cavalleiro por el-rei D. João I no dia da entrada de Ceuta.

O piloto Amores, para captar a benevolencia de Zargo, lhe communicou as suas idéas sobre a nova terra, e Zargo d'este modo contente o levou logo ao infante D. Henrique, que estava em Villa Nova do Infante, enthusiasmado em fazer novas descobertas e viagens sobre a costa de Africa, em resultado dos conhecimentos que tinha das mathematicas e litteratura que havia n'aquelle tempo.

O infante, alegre igualmente com estas esperanças, tentou a empreza, depois de varias difficuldades, que venceu, vindo em pessoa a Lisboa, e obteve do rei, seu pae, que se tentasse a aventura d'aquella descoberta, fazendo as despezas por conta da ordem de Christo, de que era grão mestre, pois parece então o erario regio devia estar esgotado com as jornadas de Africa, e guerra que o reino sustentava com a Hespanha.

Dizem alguns que no anno de 1418, em que isto acontecêra, já era descoberta a ilha de Porto Santo por acaso, indo ali ter um navio que navegava para as Canarias ou cabo Bojador, forçado dos temporaes, e que por lhe servir aquella ilha de guarida na sua desesperada situação lhe deram aquelle nome.

Outros, porém, a quem me inclino, dizem que o rei mandára uma expedição em cata da terra descripta pelo Amores, e que esta, depois de tempos rigorosos, atinára com o Porto Santo, e que tornára ao reino no supposto de ser esta a ilha insinuada, e que logo cedêra a sua donataria a Bartholomeu Perestrello, fidalgo da casa do infante D. João, pelos muitos serviços que fizera á corôa, e que o mesmo Perestrello immediatamente, em 1419, viera povoar aquella ilha com uma colonia de pessoas escolhidas e pela maior parte nobres.

Como, porém, da configuração do Porto Santo, das suas producções e do insignificante arvoredo se visse que esta ilha diversificava da terra a que os inglezes aportaram, e como os que vieram para o Porto Santo noticiavam que viam ao sudoeste, no oriente, uma continuada arrumação negra, foi resolvido mandar-se nova expedição incumbida ao mesmo Zargo, levando este o piloto Amores.

Armaram-se uma caravella e um barinel em 1420, nos quaes o Zargo se dirigiu ao Porto Santo, onde descansou alguns dias, até que se encaminhou para a cerração que ali se via. Era o aspecto medonho, porque um nevoeiro alto e espesso, pousado sobre o basto arvoredo, ainda mais forte pela parte do norte da ilha aspera e apricosa por onde a tomaram, a cobria até o mar, deixando só ouvir os espantosos roncos das ondas quebradas na fragosa penedia.

Os exploradores se atemorisaram tanto, que suppondo ser ali a bôca do inferno, pediam se fugisse de tão desastroso logar. Zargo, porém, os animou, e fazendo rebocar os dois navios por lanchas, que dirigiam Antonio Galgo e Gonçalo Luiz, se encaminhou para leste, onde o nevoeiro não era tão alto. Então viram distinctamente uma ponta de terra, que dobraram a 10 de agosto, dia de S. Lourenço, por cuja rasão ficou áquella ponta o nome de S. Lourenço.

Voltada a ponta se apresentou alevantada terra coroada de nevoeiro, que na costa do sul mais benigno não descia tanto abaixo, e a pouco andar entraram na aprazivel angra, em que jaziam os mallogrados amantes. Verificaram então aquelle successo, pela cruz e pelos ossos de Machim e Arfet, pondo o nome de Machico áquelle logar; pois talvez o nome proprio fosse Machim e não Machico, como vulgarmente se diz, postoque o proprio que então saltou em terra consta ser um Ruy Paes ou Luiz Paes.

Levantado ali um altar, e n'elle arvorada a cruz de Machim, vieram dois religiosos, que traziam, e celebraram missa, e benzida a terra,

determinaram descansar alguns dias e depois correrem a costa; porém, temendo que houvesse no bosque animaes ferozes, ou que o vento lhes levasse os navios, como succedêra ao de Machim, dormiam sempre a bordo.

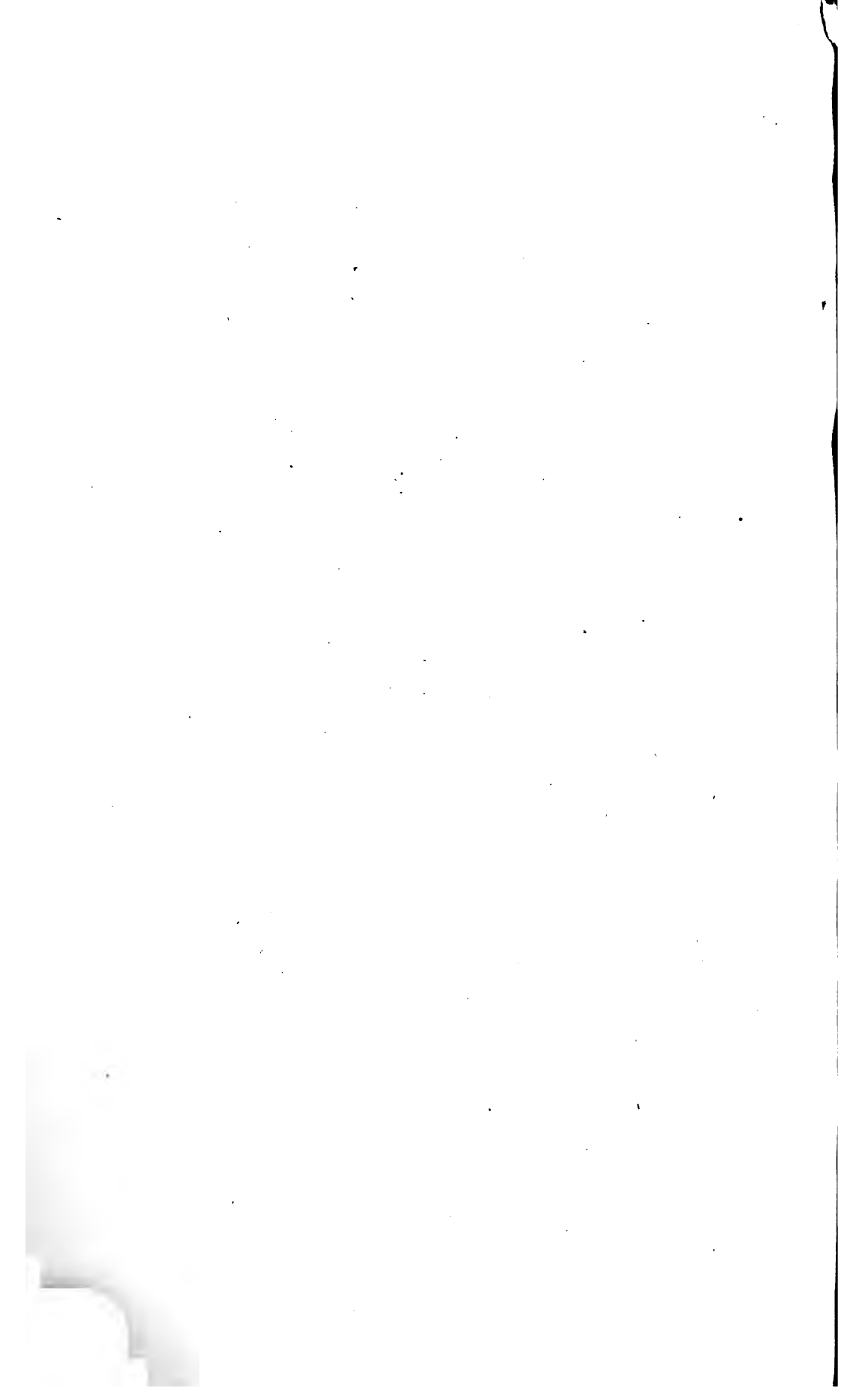
Nas lanchas alguns, e á vista dos navios, vieram correndo a ilha, dando então nome á fonte do Seixo, porque saía abundante de entre penhas; depois saltando na praia de Santa Cruz, ahi levantaram uma, de que ficou o nome á terra.

(Documentos historicos sobre a ilha da Madeira, escriptos pelo proprio punho do dr. Pedro de Freitas Drumond, vulgo o dr. Piolho. Ms. que pertence á camara municipal da cidade do Funchal.)

Nota (2) a pag. 120

Sua Magestade Imperial a Senhora duqueza de Bragança, tão conhecida pela exemplar caridade com que acode a todas as miserias e desgraças, e que perdeu sua filha na ilha da Madeira.

Nota (3) a pag. 122

Thomaz Ribeiro—*D. Jayme.*

INDICE

POESIAS INEDITAS

POESIAS JÁ PUBLICADAS

—

/k